DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

N.º 35 / ABRIL A JUNHO 94 / ANO 9

# **EDITORIAL**

As comemorações do XX Aniversário do 25 de Abril, com destaque para o programa patrocinado pela A25A e para as comemorações oficiais em que a Associação participou, liveram a sua fase mais significativa na segunda quinzena e, muito em especial, na última semana de Abril.

Foi vastíssima a cobertura que a comicação social de todos os tipos, cescrita, falada e televisiva, conferiu à efeméride, por vezes denunciando um furor competitivo, que só os grandes acontecimentos justificam.

E, como não podia deixar de ser, não só vazes de louvor se fizeram ouvir, como não só o rigor informativo e factual caracterizou o conteúdo das programações e das opiniões expressas. A avalanche mediática haveria de incluir, inevitavelmente, o ódio do oligarquia derrubada, o despeito dos frustrados, a inveja dos mediocres, o despudor com que se distorcem factos, atitudes e comportamentos, para justificar fracassos próprios, desmerecer éxitos alheios, traçar quadros fantasiosos sobre os quais se projectam falsas realidades.

Foi montada uma manobra revanchista do 24 de Abril, mas que não resultou. E que contou com a colaboração de alguns sectores, vindas da antiga oposição bem-pensante, inchados na sua autosuficiência balofa, hipercriticos, que sempre perseguiram revoluções idilicas, garantidamente imunes a erros e desvios, pensadas no conforto das alcatifas, mas que nunca foram sequer capazes de esboçar uma única. E que por isso não perdoam aos que, mais modestos, souberam, no momento oportuno, concretizar a possível.

O povo português aderiu, inequivocamente, às comemorações e, nas muitas consultas de opinião efectuadas, afirmou eloquentemente o carinho que o "Dia da Liberdade" lhe continua a mercecer. Em boa hora as Comemorações do XX Aniversário foram orientadas, prioritariamente, para a juventude. Juventude que correspondeu em pleno, desmitificando a ideia de que é alheia e desinteressada dos valores que o 25 de Abril reflecte.

Em todos os actos e cerimónias mais

directamente dedicados à juventude, mas também em muitas actividades promovidas por diversas estruturas juvenis e que não se relacionavam directamente com as comemorações do XX Aniversário, o 25 de Abril era invocado e os seus valores enaltecidos.

É um erro, e uma injustiça, pensar-se (Continua na pág. 36)



## SUMÁRIO

Editorial	1
Exposição de medalhas de Abril	2
Sementes de Abril	3
Opinião	5
Recordar a nossa História	7
Ler, Ver e Ouvir	9
25 de Abril: ano XX	11
Poesia	25
Mosaico	26
Vida associativa	28
Da Direcção	32
Das Delegações e Núcleos	33
Desporto e Recreio	35

## FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE: Associação 25 de Abril Rua Luís de Camões, 47 2795 Linda-a-Velha

And the second second second

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

DIRECÇÃO:
Pedro Pezaras Correia

IMPRESSÃO:
Tip. Escola ADFA
Rua Artilharia Um
Telef. 383 35 93
1000 LISBOA

TIRAGEM: 5000 exemplares

Apartado 4678

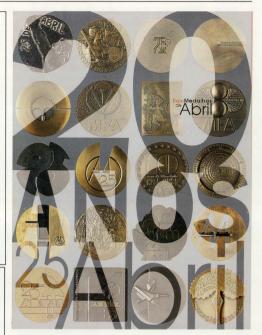
ENDERECOS:

ENDEREÇOS: Associação 25 de Abril Rua Luís de Camões, 47 • Tel. 4198105 • Fax 4198130 2795 Linda-a-Velha DELEGAÇÃO DO NORTE

4012 PORTO DELEGAÇÃO DO CENTRO Apartado 3041 3000 COIMBRA NÚCLEO DO ALENTEJO Rua Bernardo Santareno, nº 2 Bairro das Nogueiras

7000 ÉVORA NÚCLEO DO ALGARVE Rua Francisco Gomes, 18 - 1.º 8000 FARO

NÚCLEO DE CASTELO BRANCO Bairro Buenos Aires, 47 6000 Castelo Branco Depósito Legal N.º 32998/89



São medalhas de Abril. Nasceram com a liberdade. Acompanharam o balbuciar da DEMOCRACIA. Viveram todas as lutas em defesa da JUSTIÇA SOCIAL, da libertação dos oprimidos, dos povos colonizados, das mulheres, dos deficientes, dos idosos, dos trabalhadores, da criança.

São um espelho, na história, da alegria vivida na conquista da LIBERDADE e na sua defesa ao longo destes primeiros 20 anos de DEMOCRACIA em Portugal. Podemos ver nestas medalhas tão diversas, essencialmente, a gratidão popular expressa aos perseguidos e aos lutadores da LIBERDADE antes e depois de ABRIL.

A sua espontaneidade é a sua força, a sua ingenuidade é o seu sentimento, o seu calor é a sua solidariedade.

São medalhas de ABRIL.

## TRIBUNA MILITAR

Prosseguindo esta secção com a publicação dos textos mais significativos saidos na "Tribuna Militar", julgamos oportuno, quando ultimamente tanto se tem debatido a guerra colonial e a descolonização, tantas vezes com o intuito de distorcer as responsabilidades majores que

cabem a Salazar e Marcelo Caetano e aos seus governos, transcrever um texto que constitui a primeira página do n.º 6, de Outubro de 1960, portanto 4



meses anterior ao início da guerra. Sob o título "SITUAÇÃO AFRICANA" denunciava-se a cegueira da política colonial e, premonitoriamente, alertava-se para as dramáticas consequências de uma guerra que se perfilava como inevitável.

Aqui se demonstra como. muito antes da generalidade da opinião pública portuguesa, e mesmo de largos sectores da oposição política tradicional, terem despertado para a guerra colonial, já

alguns militares apontavam as injustiças e previam, com inegável lucidez, os perigos que a intransigência salazarista persnectivava.

# SITUAÇÃO AFRICANA

A evolução dos acontecimentos em África adquiriu uma aceleração tão intensa, que apanha o Estado Novo ainda em existência.

Como para muitos outros problemas essenciais à vida da Nação, o quinteiro de St.ª Comba e os seus apaniguados, não conseguiram arraniar-lhe solução aceitável, ao longo de 31 anos de múltiplas oportunidades.

Agora, que a crise se declarou, aplicam-lhe a receita geral de "aguentar". O "Tenez" de Maurras, pávida teimosia saloia de inerme negativismo que claramente revela a carência de objec-

Neste caso africano, a previsão do que virá a suceder, é tão simples de entrever, que mesmo os fiéis do partido único parecem perturbados e duvidosos da eficácia da fórmula.

No fundo, nunca pretenderam coisa diferente do que adiarem sine die o momento de encararem as questões.

tivos politicos deste fascismo serôdio.

Porém, neste caso africano, a previsão do que virá a suceder, é tão sim-

ples de entrever, que mesmo os fiéis do partido único parecem perturbados e duvidosos da eficácia da fórmula

No fundo, nunca pretenderam coisa diferente do que adiarem sine die o momento de encararem as questões. na secreta esperança de poderem viver até ao fim dos seus numa continua digestão, deixando às gerações seguintes o trabalho de descalcar as

> botas e o odioso das soluções radicais que o seu desleixo e falta de visão fatalmente vão acarretar.

Mas, em relação à África portuguesa, as contas saíram-lhes erradas e, em lugar dos 20 ou 30 anos com que

contavam para rebentar da crise, esta estalou-lhes debaixo dos pés, e é ainda em vida, que serão julgados

Deixando às gerações seguintes o trabalho de descalcar as botas e o odioso das soluções radicais que o seu desleixo e falta de visão fatalmente vão acarretar.

> pela triste política colonial-ultramarina, praticada nas últimas dezenas de anos.

A magreza dos resultados obtidos na administração dos nossos territórios africanos é conhecida e apontada em todo o mundo, discutida largamente em assembleias e reuniões internacionais, comentada em publicações da especialidade, motivo de escárnio para os nossos inimigos, de vergonha para os amigos. Contra a linguagem insofismável dos números estatísticos o governo salarazista não pode agitar a mentira das grandes realizações, de tão vasto consumo interno

## TRIBUNA MILITAR (cont. da pás, anterior)

É inevitável que a próxima apresentação do caso colonial português no Conselho das Curadorias da ONU. recolherá os votos dos 2/3 dos membros necessários à abertura do debate sobre a acção colonizadora.

E depois? Qual a defesa possível quando todos os índices de desenvolvimento e bem-estar nos acusam e condenam? Vai ser repetida a estúpida afirmação que o Bié ou o Tete são Províncias tão portuguesas como o

É igualmente inevitável.

que a agitação das populaçõ-

es nativas irá adquirir um

vigor não-calculável, agora

que o apoio lhe pode chegar

directamente através das

fronteiras

Minho ou a Beira, quando a quase totalidade dos indígenas nem português sabe falar e vive num atraso tribal, correspondente, na Lusitânia, aos

alvores da era cristã?

É igualmente inevitável, que a agitação das populações nativas irá adquirir um vigor não-calculável, agora que o apoio lhe pode chegar directamente através das fronteiras.

E depois? Até onde se levará a acção repressiva já iniciada, em cabo Delgado, com o morticínio de 30 africanos, em Angola onde as prisões se multiplicam, e na Guiné? Que capacidade tem o país para manter, durante um período indeterminado, a ocupação militar eficiente de todos os territórios ultramarinos, quando só a da Índia custa 300.000 contos por ano?

Em lugar de responder a estas e outras questões fundamentais, o Estado Novo lanca um apelo à unidade nacional e urge a coesão de todos os portugueses em face à ameaça duma "conjura internacional" - reconhecendo implicitamente a existência de sectores oposicionistas e a falta de prestígio externo.

Alguns camaradas, com uma ingenuidade só desculpável pela atmosfera de fraude e obscurantismo que se respira há 34 anos, engolem com facilidade pasmosa tão singelas iscas e repetem, muito compenetrados do seu patriotismo, que em assuntos de importância capital (ultramarinos, económicos, repartição da riqueza, o

> que for) não se devem criticar as necessidades salazaristas.

E então em que altura será se. mesmo quando estão em jogo os destinos de Portugal e o futu-

ro dos nossos filhos, continuamos a abdicar de opinião e a remeter-nos à tradicional e criminosa inacção?

Estão as Forças Armadas a ser destacadas em efectivos sucessivamente crescentes, para os territórios africanos, para actuarem em funções que lhe não são próprias, como agentes de ordem pública.

É tarefa que se conceba, nesta segunda metade do séc. XX, colonizar à ponta de baioneta e à bala? Vamos, cegamente, abater os tais nossos irmãos portugueses, no Congo e no Niassa, apenas, porque precisamente querem atingir um estatuto de civiliza-

É tarefa que se conceba, nesta segunda metade do séc. XX, colonizar à ponta de bajoneta e à bala?

Prepara-se a gente salazarista para deixar em África um rasto de sangue, que fará a memória de Portugal ser odiada e banida, como está sucedendo aos belgas no seu ex-Congo.

ção idêntico ao da raça branca? Será somente quando se chegar a um beco sem saída, como na Argélia, ou quando a ONU se decidir a intervir, que nos lembraremos que a farda que vestimos não é de lacaio boçal, mas corresponde a uma responsabilidade pensante!

A incapacidade do governo salazarista de, em tempo, formular uma racional política ultramarina, pôs o País nas vésperas de perder os seus territórios de além-mar; não apenas no sentido de posse soberana, mas, bem mais profundamente grave, no sentido da abolição até ao último vestígio, duma presença secular, esforço acumulado dos nossos antepassados, que o Estado Novo tinha o dever de ter sabido preservar em termos adequados à realidade histórica deste século em que vivemos.

Prepara-se a gente salazarista para deixar em África um rasto de sangue, que fará a memória de Portugal ser odiada e banida, como está sucedendo aos belgas no seu ex-Congo.

Camaradas: uma única solução se nos impõe antes de sermos convertidos em cúmplices deste acto desesperado. Dar à Nação Portuguesa um Governo que seja capaz de enfrentar os problemas essenciais com coragem e clarividência

# A FARSA MEDIÁTICA NOS 20 ANOS DE ABRIL

Quem, como eu, despertou para a vida adulta com a descoberta dos ideais democráticos no interior das forças armadas, confrontados que éramos com a intolerância de um regime humilhante e com a nossa própria consciência, ao ver e ouvir toda aquela panóplia medíocre de pessoas e ideias amarelecidas pelo tempo, deve confessar que foj aos armael.

Então não era que aquele senhor tão seráfico e aparentemente bem comportado dava o papel de "primus inter pares" ao pide desavergonhado e se esquecia de o confrontar – salvo uma única excepção – com a memória dos mortos e a presença dos vivos que bem lhe poderiam responder, daqueles que tinham passado pelas suas farras?

Então não era que nos outros canais de televisão, outros senhores, menos seráficos e mais extrovertidos em seus idehis e propósitos, promoviam a farsa e o ridículo como mensagem do passado? Deixavam apelidar de traidores os militares de Abril?

Até podia ser uma brincadeira para desanuviar os espíritos, aquela saída do senhor deputado de que, lá mais para a frente, o capitão mais conhecido seria o actual Primeiro-Ministro.

Até podia ser que toda a chicana televisiva não fosse outra coisa, senão a tentativa folclórica/mediática de apresentação pública das novas profissões:

- caiadores de páginas de História;
- tiradores de nódoas em fardetas esverdeadas pelo bolor;
- lavadores de pides e consciências poluídas;
- aplicadores de plásticas em fantasmas;
- alteadores de tacões em sapatos de figurinhas e figurões, desenterrados metodicamente das suas tumbas de frustrações para o palco de todas as vaidades, como se a História da nossa Pátria tivesse parado há vinte anos e só agora recomeçasse.

Talvez até nem fosse uma qualquer manobra de diversão para esconder dos nossos olhos e da memória das futuras gerações o labor esconso de outras intenções, mas sim, um exercício inteligente dos três canais.

Quero eu dizer: um exercício tão indecoroso e provocatório que tivesse o condão de alertar as consciências adormecidas; soasse como um toque a reunir em quem amava a liberdade acima de tudo; acendesse as nossas luzinhas interiores, como um grito de revolta contra o ódio e a mentira, contra a falsificação da História recente que tanto nos honrou de servir.

Apeteceu-me dizer-lhes: meus senhores, a História é uma coisa séria. Deve ser uma coisa séria, obretudo para quem se arroga qualificado para dissecar o real acontecido. E ninguém a prestigia, ous persetigia, quamdo dá voz à fauna alargada dos inimigos de Abril, ignorando os grandes valores porque os militares se bateram: contra o poresão de um qualquer regime autoritário, intolerante, musculado e modelador de consciências, onde não existisse liberdade, ou esta e a democracia fossem medidas pela bitola dos propósitos das minorias possidentes.

Sim! O 25 de Abril fez-se contra alguém e alguma coisa: contra a repressão, a intolerância, as prisões políticas e a pide. Contra a guerra e seus beneficiários, contra o assassinio da nossa juventude e da juventude das colónias às mãos do mesmo algoz. Contra o fosso das desigualdades entre os poucos muito ricos e os muitos muito pobres.

Fez-se contra o analfabetismo, o atraso cultural, o desprezo a que nos votavam os outros povos, a pobreza, oa maus cuidados de saúde, o silêncio e a censura, a inexistência de futuro.

A Revolução de 1974 foi um amplo movimento solidário, um abrir de portas, o culminar de um longo caminho de resistência à ditadura fascista, não só dos melhores filhos e filhas do nosso povo, como também de muitos militares. Quando os capitões e os outros militares sairam á rua, e logo foram envolvidos pelas multidões, foi à Revolução que abriram portas, isto é: às reais transformações democráticas, económicas, sociais, e culturais, no respeito pela pessoa humana até aí completamente igonorad.

As nossas razões, as razões dos militares que se empenharam, eram as de todos os cidadãos – de todas as épocas e classes – daqueles que amavam e sempre amariam a liberdade. Afinal, a farda não podia esconder a nossa condição humana: estavamos sujeitos aos mesmos condicionalismos da sociedade opressora. Lutar contra o mal também nos diziar esspeito.

Ao vê-los e ouvi-los, em tudo quanto era microfone, pedaço de papel mal-pintado e quadradinho de horrores, olhei para dentro de mim e não contive a exclamação: mas isto parece uma orquestra afinada! E onde estará o maestro? Enquanto o procurava, eu ia jurar que ouvia em fundo, e pela segunda vez, a velha trama do "Recolher a Quartéis": já não da "Comissão Coordenadora do Programa do MFA", mas sim do próprio 25 de Abril, pois que, ao mesmo tempo que caluniavam os seus obreiros, tentavam reduzir o feito a uma mera açeão de alguns capitles, desligados da generalidade da Instituição militar e à margem do País real. Em vez daqueles que organizaram, dirigiram e empunharam armas para derrubar o regime apodrecido, tudo faziam para erigir como figuras de primeiro e único plano quem mais convinha ao reescrever da sau verdade histórica.

Era como se os fantasmas de ontem se tivessem aboletado à mesma mesa para ouvirem, de monóculo assestado, a leitura de um testamento dirigido às futuras gerações para que elas acreditassem que a factura a pagar se devia a quem derrubara o fascismo, a quem acabara com a guerra fratricida. abrira as portas das prisões, até aos seus inimigos. Era como se a ficção se transformasse em realidade pelo golpe mágico da mistificação histórica. Era como se o Movimento das Forças Armadas e os últimos vinte anos não tivessem existido e o 25 de Abril não tivesse sido uma Revolução libertadora e transformadora, mas sim a prática burocrática de uma "ordem de servico" dimanada pela cadeia de comando militar.

Em boa verdade, foi equívoca demais a tentativa ensaiada para modificar o percurso da História recente. Fica-nos uma questão com outras respostas possíveis: será que eles desistiram, ou vão continuar, agora seguindo por outros caminhos, porventura mais elaborados? Talvez sim, talvez não.

Contudo, não é supérfluo dizer: se há podres na democracia que hoje temos; se o medo pelo futuro voltou; se a economia vai mal: se a saúde está cada vez mais doente: se o ensino procura casamento com o analfabetismo: se o desemprego não pára de aumentar; se o estender de mãos à caridade pública é hoje a pedra de toque do oásis desenvolvimentista; se a liberdade privada dos cidadãos já não é assegurada por quem de direito; se o individualismo consumista é hoie um dos grandes inimigos da justica social, a culpa não é do 25 de Abril, nem dos homens e mulheres que o fizeram. Talvez seja, isso sim, dos tais fantasmas, regressados, e bem nutridos, às cadeiras que um dia tombámos.

## DA CULPA

"Algures, acima do arco-fris, lá bem no alto, há uma terra de que ouvi uma vez falar, numa canção de embalar. Algures, acima do arco-fris, os céus são azuis e os sonhos que nos atrevemos a sonhar realizam-se mesmo." Assim cantava, com ar sonhador mas determinado, Judy Garland, em "O Feticeiro de Oz."

Alguém precisaria ainda de mais uma confirmação para algo que há muito sabia? Que há terras mágicas é ponto assente. Que o paraíso na terra são os Estados Unidos muito poucos parecem duvidar. Terra dita das oportunidades, a auréola de encantamento apaga para muitos, e por completo, realidades menos inocentes ou até brutais, figurando ainda como o modelo mais perfeito do Ocidente, o lugar onde todos gostariamos de viver para sermos ricos, belos e possuirmos tudo aquilo a que temos direito.

Mas, haverá mesmo países detentores do toque de Midas e outros eternamente votados a padecer dos mesmos suplicios que Tântalo? Aparentemente parece que sim, pelo menos a crer em dizeres e atitudes tornadas habituais. No primeiro grupo, como já vimos, encontram-se à cabeça os Estados Unidos. Terra abençoada, para lá parece terem emigrado todos os duendes da Irlanda mais os seus potes de oiro.

No extremo oposto, ou tristemente perto desse lugar de desespero, encontra-se, pelo menos segundo qualquer português médio e tido como normal, o nosso Lusitano rectângulo.

De acordo com esse tipo de português - e, confessemos, todos nós por lá passamos umas vezes por dia -, isto não passa de um castigo dos deuses. Viver agui é, por certo, o passo mais curto para garantir a eternidade no paraiso, bem escarranchado à direita de Deus Pai. Verdade seia dita que, muitas vezes, temos razões de sobra para nos irritarmos. Se não, vejamos: quem quer fazer carreira científica tem de sair; músico com ideias de evolução terá de seguir a peugada do cientista. Os nossos escritores são pouco traduzidos. O nosso peixe é preterido ao espanhol, a nossa batata apodrece enquanto tubérculos estrangeiros aconchegam os nossos guisados. A indústria está pela hora da morte, as escolas são uma treta, os professores estão mais à beira de sucessivos ataques de nervos do que o Almodovar alguma vez sonhou ser possível. Padecemos de males terceiromundistas, temos salários ofensivos, observamos escândalos de facturas e escutas e sorrimos condescendentes, indignando-nos pouco. Trabalha-mos, sofremos, pagamos e não bufamos nem nada vemos desse dinheiro que entregamos ao Estado para tratar dos nossos velhos e jovens ou da nossa mísera saúde. Os precos proibitivos das casas aconselham as pontes como morada Etc

Além de tudo isto e mais ainda, a nossa história é deliberadamente apagada ou esquecida – o que é igual – e toda a gente aceita isso como mais uma fatalidade a juntar às restantes.

Em Abril último, assistimos a uma espantosa revelação no que toca à memória da Revolução dos Cravos: em Portugal, nenhuma Universidade se esforça por tocar na nossa história recente, pelo menos ao nível dos programas. Quem quiser saber alguma coisa deverá ir a Espanha. Além do pasmo resultante deste absurdo, há mais um ponto a considerar. É que, entrevistado um discente universitário de História, sobre se tinha ou não estudado o 25 de Abril, ele acabaria por responder que não, pelo que não o poderia vir a ensinar quando fosse professor. E acrescentava, num jeito tão infantil que só lhe faltou enrolar a pontinha do bibe que "mas eu não tenho a culpa, porque ninguém nos falou dessa matéria"

Com esta fantástica revelação, ficámos a saber – alguém ainda desconhecería? – que o ensino superior em Portugal ainda não informa os alunos. Formar é a função da Universidade. Formar, dando ao aluno (que vem de um mundo "reles") o precioso acesso a um Universo novo, através da cultura. Universidade é isso mesmo. Por isso, porque é um mundo novo, o não iniciado é sujeito a praxes – agora tristemente transformadas em selvajaria ou mera estupidez, mas que eram os rituais de estupidez, mas que eram os rituais de

entrada nesse mundo novo. Uma vez admitido e comprovado, o discente teria de demonstrar ser digno desse espaço de deslumbramento, estudando, pesquisando, pensando. Interrogando. Fosse a ciência, a filosofia, a arte, a história antiga ou recente. Ora, mal vai a Universidade que não informa os seus membros de que estão ali para pensar e que é essa a missão que o país espera que eles desempenhem. É que se não os informa disso, como pode pensar que os forma de todo?

Todavia, não se pense que esse finalista que se demite da sua responsabilidade, com um "eu não sei, mas eu não tenho a culpa", é uma mera vítima do nosso pindérico sistema. As sociedades são compostas por indivíduos. Se acusamos aquela a que pertencemos, temos a obrigação de o fazer com a responsabilidade de sugerir contrapartidas e agir de acordo com so nossos sonhos. É isso que faz com que um país seja grande; a grandeza do sonho daqueles que o habitam

Não basta que nos enfiemos nos nossos minaretes e fiquemos à espera do subsídio governamental para o filme, a peça, o livro e depois lamentar que ninguém vai ver ou ler. Chorar eternamente a triste condição deste país é aceitá-la como inevitável, fazer dela a única certeza possível. Se continuarmos derrotistas como tendemos a ser, Portugal continuará no cu da Europa e – o que é pior – com a conivência criminosa de todos nós.

Se a América é grande, é porque quem para lá vai acredita que vai para a terra das oportunidades. Façamos o mesmo aqui. Exijamos os nossos direitos. É tempo de decidirmos por nós, de escolhermos a nossa felicidade pessoal. Dessa coragem de sonhar e concretizar virá uma realidade mais benigna para todos. Vinte anos passados sobre a Revolução dos Cravos, cumpir Abril é fazer o elogio dessa luz, da coragem. Ousar sonhar e, depois sem medo, agir.

Emília Ferreira Almada, Maio de 1994

# REFLEXÃO SOBRE O 25 DE ABRIL.

Comemorámos os 20 anos de um acontecimento extraordinário, que foi a "Revolução do 25 de Abril de 1974", que na madrugada desse dia. começou com o golpe de Estado pelo Movimento das Forças Armadas e rapidamente se transformou numa Revolução popular:

A Revolução dos cravos, quase sem efusão de sangue.

Caía o Estado Novo, Regime de Ditadura que durava havia cerca de 48 anos - a mais longa dos tempos modernos.

Com a Revolução de Abril, os portugueses recuperarem a liberdade e a igualdade perante a lei e a prática política, e a democracia deu os primeiros passos.

Para trás ficava um regime autoritário, de partido único, de controlo da pessoa humana, de censura da imprensa, de condicionamento industrial, de isolamento internacional e ainda de insuficiente escolaridade com elevada taxa de analfabetização de uma população que continuava a sair do nosso país na emigração, muitas vezes clandestina.

E era a guerra, que durava havia 13 anos em territórios cuja extensão ultrapassava a dezena de vezes a área do Portugal енгорен.

Nessa guerra em várias frentes, as Forcas Armadas portuguesas com assinalável capacidade e estoicismo conseguiram condições para que o Poder encontrasse uma solução política.

Mas tal não aconteceu.

O regime mantinha-se bloqueado.

A guerra sem fim à vista.

A Nação, o povo, sem liberdades nem exercício de soberania.

Foi então que o Movimento das Forças Armadas, impulsionado pelos Capitães de Abril, interpretando o sentir do povo português, após longas décadas, souberam num gesto historicamente incomparável, pôr um fim à ditadura e deixar nas mãos dos cidadãos o que a eles pertence: a soberania.

Na realidade, o Movimento das Forças Armadas no seu Programa continha medidas imediatas e de curto prazo e que visa-

O nosso habitual colunista desta secção preferiu, embalado na onda das comemorações do XX Aniversário, sair do tom normal das suas incursões nas figuras e factos do nosso passado. Mas como esta sua "Reflexão sobre o 25 de Abril" passa também por uma incursão no passado, cabe perfeitamente na secção que está quase identificada com o autor.

vam a transição para o regime democráti-

Refiro as seguintes:

- Extinção da PIDE/DGS, Legião e A.N.P.
- Amnistia dos presos políticos.
- Abolição da Censura e exame prévio. - Combate eficaz contra a corrupção.
- Possível formação de partidos políti
- Luta contra a inflacção e o custo de
- Nomeação de um Governo Provisório
- A convocação no prazo de um ano de uma Assembleia Nacional Constituin-

Nas suas considerações finais era dirigido a todos os Potugueses um veemente apelo à participação sincera, esclarecida e decidida na vida pública nacional, e uma exortação a garantirem, pelo seu trabalho e convivência pacífica, as condições necessárias à definição de um política que conduzisse à solução dos graves problemas nacionais, e à harmonia, progresso e justiça social, bem como à obtenção do lugar a que Portugal tinha direito entre as Nações.

Sabemos que não foi fácil o caminho.

Os homens sem sono da Revolução dos Cravos, confrontaram-se com um contexto político complexo, com o extravasar de tensões e reivindicações longamente reprimidas, a explosão da alegria popular, mas por outro lado, uma conjuntura internacional em plena guerra fria e competição ideológica intensa.

O nosso país não foi impermeável a tal

Assim, embora se tenha evitado a guer-

ra civil, não se conseguiu a descolonização sem traumatismos e tragédias pessoais que lamentamos.

Eram tarefas de dimensão gigantesca à escala de vários continentes e escasseavam os quadros preparados para tanto.

Não se deve esquecer que havia uma ignorância generalizada em termos históricos, políticos e económicos. O ensino restrito

e o ensino superior era lacunar: havia algumas competências, mas só em campos especializados.

Porém, com a liberdade e a democracia institucionalizadas com a Constituição da República de 1976 e revisões seguintes, ficou a sociedade civil habilitada a organizar-se e a desenvolver-se.

Passo a citar o que se obteve para o nosso poyo, quanto a alguns Direitos, Liberdades e Garantias que vêm inscritos na Constituição, tais como:

- Direito à integridade pessoal

- Direito à liberdade e à segurança
- Liberdade de expressão e informação
- Liberdade de imprensa e meios de comunicação social
- Direitos de antena e de resposta Liberdade de consciência e de culto
- Liberdade de criação cultural
- Liberdade de aprender e ensinar
- Direito de reunião e de manifestação
- Liberdade de associação
- Liberdade de acesso à função pública Direito de participação na vida pública - Direito de constituir ou participar em partidos políticos
- Direito de petição e de acção popular - Liberdade sindical
- Direito ao trabalho
- Direitos dos consumidores - Direito de iniciativa económica priva-
- da, cooperativa e autogestionária - Liberdade e igualdade perante a lei
- Poder autárquico democrático e autó

E ainda um vasto conjunto de direitos e deveres sociais e culturais.

Hoje não é exagero dizer que o povo português tem as principais condições para reencontrar-se e recuperar o génio dos seus egrégios avós, de que tanto necessitamos neste final de século.

Porém é conveniente uma reflexão histórica elucidativa, apoiada em espíritos de eleição.

#### Oucamos Alexandre Herculano:

Na década de 40 do séc, passado reflectiu sobre o estado da sociedade portuguesa que, vinte e seis anos após a Revolução Liberal de 1820 ainda denotava evidentes sintomas de atraso e de decadência.

Longe estava o período áureo da grandeza de Portugal (séc. XV e metade do XVI). Ele vai suspirar pelo Portugal medieval, anterior ao séc. XVI, dos concelhos e dos forais com a sua autonomia e vitalidade.

Entre os factores de decadência moral e material. (1) destaca dois:

O estado absoluto - o absolutismo que vigorou durante três séculos, algum tempo após o descobrimento do caminho marítimo para a Índia.

O fanatismo religioso - institucionalizado pela Inquisição, na mesma época.

Oliveira Martins, na sua "História da Civilização Ibérica", publicada em fins da década de 70 do século passado, analisa também as causas da decadência (2) do nosso país e considera que, entre outras sobressaem:

- a ignorância generalizada e a intolerância da fé.

Alberto Sampaio, em 1892, nos seus "Estudos Históricos e Económicos", considera que não era possível entrar na vida moderna, sem se tratar a sério das duas questões fundamentais (3) em que ela assenta:

O trabalho: que cria as riquezas nas suas múltiplas manifestações desde a agricultura, até às indústrias e artes.

O ensino que ilumina o espírito.

E lamenta que os novos personagens políticos do séc. passado, derrubando todas as antigas instituições, deixassem persistir nos indivíduos a rudeza e a indiferença pelos assuntos públicos, e na nação, o crónico desequilíbrio económico.

É um círculo vicioso que o Estado Novo repetiu, com nova modalidade, o Absolutismo e a Intolerância.

Impõe-se-nos revigorar a democracia e

fazermos um esforco sério pela democratização cultural e social, comecando por nos conhecermos melhor.

Oucamos dois ilustres etnólogos lusitanos, que se pronunciaram na primeira metade deste século.

O Prof. Leite de Vasconcelos analisou longamente a inteligência dos portugueses, e considerou-se autorizado a afirmar na sua obra "Etnografia Portuguesa" (4), o seguinte:

- Os nossos escolares, em igualdade de condições de idade e escolaridade excedem em média, os escolares americanos, ingleses e belgas nos testes de inteligência abstracta e verbal: são-lhe inferiores nas provas de inteligência prática, que demandam uma consideração atenta e demorada das coisas e das suas relações, isto é, pouca persistência na direcção dos poderes mentais.

Mas tudo isto pode, na opinião do ilustre etnólogo, ser mais atribuível aos processos de educação, que às características estruturais da nossa mentalidade.

Ele focava aspectos negativos que nos têm prejudicado, como sejam:

A tendência de obter o sucesso sem esforço, porque o grande talento, para se formar, a par com a vocação, exige traba-

Por outro lado, o mérito ou o demérito é com frequência apreciado segundo a simpatia ou antipatia, que facilmente se propaga, porque há a propensão para aceitar tudo sem crítica, sem examinar os factos que garantam a opinião formulada.

O Prof. Jorge Dias, na sua obra "Estudos do Carácter Português", afirma a dado passo:

"O português é, sobretudo, profundamente humano, sensível e bondoso, sem ser fraco. Não gosta de fazer sofrer e evita conflitos, mas ferido no seu orgulho pode ser violento e cruel."

Há no português uma enorme capacidade de adaptação a todas as coisas, ideais e seres, sem que isso implique perda de carácter. É mais inibido que os outros meridio-

nais pelo grande sentimento do ridículo e medo da opinião alheia. É como os espanhóis, fortemente indivi-

dualista, mas possui um grande fundo de solidariedade humana.

O seu temperamento é expansivo e dinâmico, o que permite em períodos históricos estimulantes trazer ao de cima todas as suas qualidades de acção, abnegação, sacrifício e coragem, cumprindo como poucos.

Haja em vista o período extraordinário da consolidação da independência e dos descobrimentos marítimos, que nos fizeram contactar com povos de todos os Continentes, deixando raízes culturais ainda vivas e que fazem da língua portuguesa a mais falada no Hemisfério Sul.

Foram escassos os períodos de liberdade e de possibilidade de iniciativa e inovação vividos nos últimos três séculos em que, então, perdemos a Revolução Científica e as 1.º e 2.º Revoluções Tecnológicas que deram desenvolvimento a grande parte da Europa.

É altura de não perdermos mais tempo, e sabermos entrar na 3.º Revolução Tecnológica que protagoniza o nosso presente, para um futuro de mais justiça social e condições de vida dignas para todos.

A democracia portuguesa, filha do 25 de Abril, é demasiado jovem.

No entanto ela é para a nossa geração um raro privilégio que vale a pena aperfeicoar e defender.

Cabe-nos a todos fazer do 25 de Abril um verdadeiro ponto de viragem da nossa história comum, construindo o Portugal justo, fraterno, próspero e feliz pelo qual ansiamos e que esteve na origem do feito do Movimento das Forcas Armadas.

Saibamos viver a liberdade com responsabilidade e solidariedade.

Viva o 25 de Abril, Viva o Povo Português, Viva Portugal.

## NOTAS:

- (1) Alexandre Herculano, "Cogitações Soltas de Um Homem Obscuro", "Opúsculos IV", Lisboa, Presença, 1984, pp. 329ss.
- (2) Oliveira Martins, História da Civilização Ibérica, 8.º ed, Lisboa, P.A.M. pereira, 1946, pp. 271ss,
- (3) Alberto Sampaio, "Ontem e Hoje", Estudos Históricos e Económicos, vol I, Porto, Chardron, 1923, pp. 441.00
- (4) Leite de Vasconcelos, Etnografia Portuguesa. Lisboa, Imprensa Nacional, 1933, pp. 378ss.

Barbosa Pereira

## "OUESTIONAR ABRIL"

Tem lugar em 7 de Julho, na Sala de Conferências do Círculo de Leitores, o lancamento do livro de Pedro Pezarat Correia. "Ouestionar Abril", a que iá nos referimos no anterior número de "O Referencial". O livro é editado pelo Círculo de Leitores, em regime de "Book Club" e, para as livrarias, pela Editorial Caminho, e não pela Inquérito, como então anunciámos. Os sócios e apojantes da A25A, que não forem sócios do Círculo de Leitores, poderão adquirir os exemplares de "Questionar Abril" editados pela Caminho, através da nossa Associação





# CAPITÃO DE ABRIL De Salgueiro Maia



Fernando Salgueiro Maia é um dos principais heróis da história de Portugal. Conseguiu-o através da sua destemida, extraordinária e patriótica acção no memorável dia 25 de Abril de 1974. Nos anos que se seguiram, até que a morte, prematuramente, o levou do convívio dos seus familiares e amigos, manteve sempre uma postura inatacável na sua fidelidade aos valores de Abril. Foi assim em todos os momentos mais críticos do pós-25 de Abril: 28 de Setembro de 1974 e 11 de Marco. Verão e 25 de Novembro de 1975. Continuou assim, apesar das perseguições, mais ou menos envergonhadas, das marginalizações, das desfeitas várias que sofreu. Vieram de diversas direcções: desde os que nunca lhe perdoaram a sua ousadia, ao protagonizar o derrube do regime fascista, aos que a ele se agarraram, porque só assim conseguiram sobreviver e subir na hierarquia, aos que tudo tentaram para o comprar, mas sempre depararam com uma honestidade e verticalidade a toda a prova.

Talvez para melhor enfrentar todas as dificuldades que a instituição militar lhe provocou, entregou-se a actividades fora do

âmbito específico da sua profissão e descobriu novas capacidades. Dedicou-se ao estudo e terminou duas licenciaturas: Ciências Políticas e Sociais e Antropologia e Etnografia. Encontrou novas áreas de interesse, no campo da museologia e no âmbito dos Amigos dos Castelos.

Gostando de transmitir aos outros os seus conhecimentos, as suas experiências, desenvolveu uma grande actividade em colóquios, nomeadamente junto dos jovens, e publicou vários trabalhos de índole militar, histórica, antropológica e etnológica.

Um dia, já lá vão alguns anos, o Fernando entregou-me uma cópia de uns escritos que elaborara e pediu a minha opinião sobre os mesmos. Pensava publicá-los, pois considerava importante dar testemunho de algumas vivências pessoais. Apenas parte desses escritos foram publicados, na História Contemporânea e na História de Portugal. coordenadas pelo Professor João Medina. Sempre por iniciativa do seu amigo e companheiro de Abril. Aniceto Afonso.

Após o seu falecimento, decidiram alguns amigos homenageá-lo, através desta publicação.

Aqui se inserem, não só os seus escritos, mas também testemunhos de alguns amigos seus. E se estes nos fornecem uma ideia sobre o pensamento e a saudade que o Fernando provoca em quem o não esquece, aqueles constituem uma imagem da sua maneira de estar no mundo.

Com efeito, através da narração de muitas situações caricatas, Salgueiro Maia consegue denunciar a hipócrita situação que se vivia, onde a guerra não era sentida como uma missão patriótica, mas sim como algo que se fazia contrariado e que urgia ultrapassar, com o mínimo de desgaste. Ao fazê-lo, Salgueiro Maia evita que caiam no esquecimento algumas das anedotas verídicas que, correndo de boca em boca, de reunião em reunião, de fotocópia em fotocópia, divertiram muitos dos militares que fizeram a guerra colonial.

Salgueiro Maia quis dar-nos também uma imagem crua, fiel e dramática do que foi a sua última acção na guerra colonial. Aí se vê como foi extraordinariamente difícil sair com vida e se vislumbra um retrato de uma guerra perdida, situação que alguns procuraram esconder, mesmo depois da evidência dos factos.

Por fim. Salgueiro Maia dá-nos o seu testemunho da accão vitoriosa do 25 de Abril de 1974 e de alguns acontecimentos que se lhe seguiram, onde transparece a sua permanente fidelidade a Abril e aos seus ideais.

É um livro que Salgueiro Maia pensou publicar e que só razões imponderáveis lho não permitiram fazer.

Vontades diversas uniram-se para esta pequena homenagem, que se estende a sua mulher. Natércia, e aos seus filhos, Catarina e Filipe.

Confia-se, assim, ajudar a preservar a sua memória

Vasco Lourenço

A 1.ª Edição de "Capitães de Abril" esgotou. Vai saír a 2.ª Edição. Se pretender, ainda pode adquirir a 1.º na A25A

ADOUIRA OS LIVROS DE PEZARAT CORREIA E SALGUEIRO MAIA, DIRECTAMENTE NA SEDE DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL.

## O SENHOR COMENDADOR

## De Cândido Ferreira

É com sincero prazer que assinalo aos leitores do Referencial a publicação deste primeiro romance de um nosso associado, o Dr. Cândido Ferreira.

A acção decorre no período imediatamente anterior ao 25 de Abril e que se prolonga até ao início do Verão de 75. O local é uma vila da nossa província, como tantas outras do litoral entre Vouga e Mondezo.

O autor revela um profundo conhecimento do que se passou nessa zona do país, nesse período movimentado do nosso passado recente, e que no fundo retrata igualmente bem o que ocorreu naquela época em tantas outras pequenas terras do norte e do centro de Portugal.

Esse fiel retrato de uma sociedade, que, com alguma ingenuidade e bastante entusiasmo, alguns tentaram arrancar ao domínio daqueles que a controlavam antes do 25 de Abril, é, em minha opinião, precisamente um dos aspectos mais interessantes do romance. Não faltam ainda as pequenas histórias de amores clandestinos que dão veracidade aos personagens e que tornam a sua leitura fácil e agradável.

Felizmente, através do romance, é possível muitas vezes prestar um melhor testemunho da realidade do que o podem fazer os historiadores, que nas suas necessárias simplíficações redutoras, tiêm alguma dificuldade em relatar fielmente o que se passou num país tão pequeno, mas igualmente tão diverso como o nosso, naquele período em que as paixões se desencadearam segundo as várias opções partidárias. Além de serem raros os que o podem fazer de maneira isenta e objectiva.



Desejamos pois congratular o nosso associado Cândido Ferreira pela sua bela obra, cuja leitura recomendamos vivamente aos nossos associados.

F.C.

## O CASO DA RUA JAU

## De Mário Castrim

Este livro é escrito por um jornalista e escritor que conviveu com diferentes gerações de jovens.

Quem não conhece, no nosso país, Mário Castrim, crítico de televisão, que durante dezenas de anos nos desafiou a saber lidar com ela? O jornalista do DL-Juvenil, a "sementeira" de que Aquilino

ap Kan Jan

Ribeiro falava; o escritor que escreve livros, que, como este, nos falam de coisas sérias num jeito simples.

O livro propõe-nos numa abordagem na escola um tema que continua vivo e quente. E um método da pesquisa. E que não se aceite o conformismo e a resignação. É um convite a alunos e professores à procura de acontecimentos,

sobre os quais alguns "especialistas" e "doutores" vão procurar fazer história bem diferente daquela que foi escrita pelos que os viveram e sentiram. Quando prepararam, fizeram, projectaram e defenderam a Revolução de Abril. Revolução que está presente nas realidades e conquistas ou nos projectos que já não são só utopia.

Com "O Caso da Rua Jau", Mário Castrim vem propor-nos a redescoberta do 25 de Abril e o que ele tem a ver com os sonhos das mais jovens gerações, com a descoberta e com o amor.

António Abreu Vereador da Educação e Juventude da CML

## PASSAGEM DO CABO

## De Maria Ondina Braga

Constitui um raro privilégio comentar uma obra, nomeadamente quando a sua autora é a nossa associada MARIA ONDINA BRAGA. A recente publicação do livro "Passagem do Cabo" acrescenta-se

a uma já vasta e significativa produção literária.

A publicação do livro "Passagem do Cabo", enquadra-se bem no espírito das Comemorações do 20.º Aniversário do 25 de Abril, evocando as rotas de África, Índia e Oriente, caminhos que "... os portugueses tomam abertos por mares tão fechados e ferozes".

É um livro cheio de sedutores contrastes, a que não é alheia a sensibilidade da autora.

De Angola retém a imagem de uma "terra jovem e exuberante", da sua vastidão, do batuque e do silêncio, para se interrogar em 1961, no início da guerra sobre "Como nasce o mal? Como nasce a morte?".

De Goa, tem a percepção do inevitável, a "Terra do Adeus", a "Índia de uma audácia, Índia de uma epopeia, Índia dos nossos sonhos".

Finalmente leva-nos ao Extremo Oriente, a Hong Kong, a Macau

e à China, numa cativante descoberta de si própria, dos outros e de um Mundo de símbolos e valores novos.

Em toda a obra é permanente a percepção das forças e mistérios da Natureza, como se se tratasse de encontarr as razões do próprio Homem.



# COMEMORAÇÕES DO XX ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

De acordo com as decisões anteriormente tomadas, decorreram as comemorações do 20.º aniversário do 25 de Abril.

Muito naturalmente, e depois da sessão solene de abertura, foi no próprio dia 25 de Abril e nos dias mais próximos que se realizou a maioria dos actos comemorativos.

Já se esperava que a passagem dos 20 anos desse origem a uma grande manifestação de alegria, pela liberdade então conquistada e de reafirmação da vontade de lutar pela manutenção e pelo aprofundamento dos direitos daí decorrentes.

Passada a grande vaga comemorativa, podemos afirmar, com total isenção e sem receio de errar, que se viveu uma enorme jornada de Abril. De Abril, porque reafirmou a satisfação pela libertação, pelo fim da guerra colonial, pela abertura ao mundo, pela democracia. De Abril, porque fez frente a tentativas despudoradas de diversos sectores da direita — mais ou menos saudosistas, retrógrados e revanchistas — de branqueamento do regime fascista e colonialista. Foi bonito de ver e bom de viver essa extraordinária jornada, Onde a alegria

pela liberdade ombreou com a reafirmação dos ideais de Abril. Onde a participação dos que há vinte anos viveram a fantástica aventura libertadora teve resposta igual dos jovens que, não admitindo viver sem a liberdade que os seus pais lhes proporcionaram, demonstraram inequívoca e determinada vontade de a manter e aprofundar.

Das várias actividades em que a Associação 25 de Abril participou, quer as por si organizadas, quer as organizadas em conjunto com outras entidades, publicam-se pequenos resumos e comentários. Igualmente se decidiu publicar algumas intervenções af proferidas, em nome da A25A.

Relembremos, entretanto, que o programa comemorativo dos 20 anos continua. Para além da edição de duas obras, "Diário da Liberdade" e "Comemorações do 20.º Aniversário do 25 de Abril", realizaremos o seminário sobre Descolonização, o torneio de bridge e a sessão solene de encerramento.

## ORDEM DA LIBERDADE

Nestes 20 anos de liberdade, procuraram os vários responsáveis pela organização das comemorações envolver nas mesmas a juventude. Juventude que respondeu de forma entusiástica e participativa.

Participação que teve o seu ponto alto nas cerimónias do Largo do Carmo, onde o Presidente da República condecorou a Associação 25 de Abril com a Ordem da Liberdade.

Nessa jornada de juventude, onde se reviveu a rendição do regime fascista, procurou-se sensibilizar os jovens para a necessidade de tomarem nas suas mãos a defesa da democracia e da liberdade.

Transcrevemos, de seguida, a intervenção aí proferida por Vasco Lourenco:

Passam hoje precisamente 20 anos sobre o dia em que Salgueiro Maia, sob o comando superior de Otelo Saraiya de Carvalho, ao fazer render o ditador Marcelo Caetano, que continuara Salazar, se tranformou - aqui, neste Largo do Carmo - no símbolo principal dos capitães de Abril. Tendo tomado consciência da natureza do regime que oprimia os portugueses e da iniustica e inutilidade em prolongar uma guerra sem sentido, haviam decidido abrir-lhes as portas da liberdade e da democracia. Para trás ficava, esperava-se que para sempre, um regime autoritário, de verdade única, com uma polícia política tenebrosa, onde a repressão, a censura, o medo faziam parte integrante da vida dos portugueses. Um regime isolado e condenado internacionalmente, que insistia no colonialismo e na guerra.

Nestes 20 anos, muitas ilusões se criaram e se perderam. Muitos avanços retrocederam e deram ori-

gem a novas situações de injustiça. Muito aquém do desejável e sonhado estaremos hoje. No entanto, Portugal é um país que mudou, claramente para melhor. Temos direitos cívicos e políticos. Temos liberdade e democracia. Liberdade que nos servirá, tem de servir, para lutar e alcançar os nossos anseios. os nossos ideais.

Não há liberdade sem cidadãos, como não há cidadãos sem liberdade. Os capitães de Abril, compreendendo-o desde o início, souberam, num gesto historicamente incomparável, deixar nas mãos dos cidadãos o que aos cidadãos pertencia.

Esse gesto nobre e desinteressado dos capitães nem sempre tem sido compreendido e correspondido, da melhor maneira, por alguns cidadãos e, principalmente, pelos detentores do poder, que só o são porque existiu Abril.

Na passagem do 20.º aniversário, está-se modificando essa situação. Estão a reconhecer melhor a atitude dos mili-



tares de Abril. Na sequência da homenagem nacional a Salgueiro Maia, decidiu S.Ex.\* o Presidente da República condecorar a Associação 25 de Abril com a Ordem da Liberdade. Aceitamos tal gesto como o reconhecimento, mesmo que tardio, do elevado mérito patriótico da ação libertadora dos capitães de Abril. Isso porque, apesar de nem todos os militares de Abril pertencerem à nossa associação, nós representamos cerca de 90% dos mesmos.

Por isso, senhor Presidente da República, muito nos honra o gesto de V. E.\*, também um símbolo da luta pela liberdade em Portugal.

Condecorou, entretanto, V. Ex.\* uma unidade militar que, ainda que desenquadrada e não adequada no tempo, mostrou a sua total disponibilidade e prontidão para a acção do M.F.A., que em 25 de Abril tão bons frutos geraria. É indispensável que as outras unidades intervenientes no 25 de Abril sejam

(Continuação da pág. 11)

igualmente condecoradas. Confiamos em V.Ex.\*, senhor Presidente da República, para que essa justiça lhes seja feita.

Senhor Presidente da República, minhas senhoras e meus senhores, permitam-me umas breves palavras dirigidas aos jovens que connosco, aqui ou noutros locais, comemoram Abril.

Não vou falar-vos do que Portugal era antes e do que é depois da data que, para nós militares de Abril, representa um dos mais belos momentos da nossa vida. Gostaria, apenas, de vos apelar para que facam comparações entre o antes e o depois. Pensem se suportariam viver sem liberdade! Ouero, ainda, alertar-vos para que se não deixem manipular pelos que, tendo suportado o regime opressor e dele usufruido, vêm tentando apontar erros ao regime da liberdade e da democracia. Como se fosse possível comparar os crimes cometidos, durante quase 50 anos de fascismo, com os erros e exageros verificados após a madrugada libertadora! Como se os opressores tivessem qualquer legitimidade para apontar erros aos oprimidos! Como se o mal estivesse

na democratização e não no fascismo, na descolonização e não na colonização e na guerra!

Jovens portugueses! É proprio da juventude ser-se inconformado, irreverente, utópico, generoso, desinteressado, corajoso.

O 25 de Abril foi um acto de juventude.

Nesse sentido, ao apelar-vos a continuar Abril, estou a apelar-vos a continuarem a praticar a juventude. Mantenham, por toda a vida, o privilégio que hoje aqui vivemos de comemorar a liberdade e a democracia! Continuem-nas e reforcem-nas, lutando por novos direitos! Mas não esqueçam que só podem lutar por novos direitos porque a geração dos vossos pais lutou, conquistou e vos legou os direitos que já herdastes! Por isso, vos alerto: agarrem os vossos direitos! Mas incluam nesses direitos, tanto os que ainda não têm mas procuram alcancar, como os que já herdaram e necessitam preservar!



Abril é vosso! Continuem-no!

A Associação 25 de Abril quis, aqui, através de um acto simbólico transmitirvos os ideais de Abril. Não significa que nos retiremos do campo da defesa de Abril. Continuaremos convosco, mas como disse atrás, Abril é vosso! Continuem-no! Vivam a Liberdade!

Senhor Presidente da República, convido-o a acompanhar-me na oferta de um símbolo do 25 de Abril a dois representantes de associações de jovens. As outras associações e as delegações dos municípios recebe-lo-são noutra ocasião.

Viva o 25 de Abril! Viva Portugal!

# RECONSTITUIÇÃO DO POSTO DE COMANDO, NA PONTINHA



Com a colaboração do Regimento de Engenharia n.º 1, foi possível concretizar o velho sonho de novamente dar forma ao Posto de Comando do M.F.A..

Obviamente não se pretendeu realizar uma reconstituição rigorosamente exacta do ponto de vista histórico, tarefa que seria extremamente difícil dada a inexistência de quaisquer fotografias pois, ingenuamente, na altura ninguém se lembrou de levar uma máquina fotográfica. O objectivo foi o recriar, com a possível exactidão, as condições em que foram comandadas as operações do 25 de Abril.

Hoje, ao olhar para os reduzidíssimos e precários meios de que então se dispôs, nós próprios nos admiramos como foi possível actuar naquelas condições sem se perder o controlo dos acontecimentos.

Paralelamente foi organizada uma pequena exposição na qual figuraram o célebre mapa do automóvel Club de Portugal, a Ordem de Operações e o Anexo de Transmissões. Pela primeira vez foram apresentados politicamente o registo manuscrito do desenrolar dos acontecimentos, sor rascunhos dos comunicados e

a caneta com que foram escritos, documentos de despesa efectuada no bar por Marcelo Caetano enquanto esteve preso no regimento e a telefonia através da qual a equipa de comando escutou os sinais "Depois do Adeus" e "Grândola, Vila Morena".

Presentes, também, fotografias da época e resenhas biográficas dos oficiais que constituiram a equipa de comando ou coordenaram a defesa imediata do Posto de Comando: Tenentes-Croneis Garcia dos Santos e Fisher Lopes Pires, Majores Otelo Saraiva de Carvalho, Hugo dos Santos e Sanches Osório, Capitão-Tenente Victor Crespo, Capitãos Ferreira de Macedo e Baptista Máximo.

Tendo estado patente ao público de 24 a

30 de Abril, todo este conjunto históricodocumental foi praticamente ignorado pela Comunicação Social, o que afectou fortemente o número de visitantes.

Nuno Fisher Lopes Pires



## JANTAR CONVÍVIO

Mais uma vez se realizou o já tradicional convivio gastronómico. Pela primeira vez se optou por um jantar. Realizado no pavilhão Carlos Lopes, em Lisboa, teve uma participação bastante superior às anteriores e decoreu em ambiente de grande camaradagem, nos ideais de Abril. De destacar a presença de uma centena de jovens participantes nas jornadas da juventude que, não tendo regressado nesse dia a suas terras, aceitaram o convite da Câmara Municipal de Lisboa para alí continuarem a confratemização de Abril.

## A SEGUNDA MADRUGADA

No âmbito das comemorações do 20.º aniversário do 25 de Abril, o dia 25 do mês dos cravos constituiu sem dávida um marco na vida da Associação 25 de Abril.



A A25A esteve presente em todas as grandes manifestações que nesse dia se realizaram, nomeadamente em Lisboa, tanto como privilegiada promotora de iniciativas conjuntas de diversas entidades como, ainda, convidada de honra de outras, culminando esse reconhecimento público e oficial do lugar que a A25A orgulhosamente ocupa na sociedade portuguesa, com a alta distinção da Ordem da Liberdade com que a nossa associação foi arraciada.

De facto, nunca as actividades da A25A, em termos de comemorações do dia 25 de Abril, atingiram semelhante dimensão e consequente projecção nacional e internacional, com este 20,º aniversário. Permitimo-nos mesmo afirmar, sem o risco da arrogante falsa modéstia, mas com o orgulho humilde da verdade legitima, que neste 25 de Abril a A25A foi o máximo divisor comum dos sonhos de todos os portugueses que, um dia, sonharam e sonham Portugal em Liberdade!

Significativamente o dia 25 de Abril de 1994 começou com o desfile das Forças Armadas Portuguesas frente às tribunas dos Órgãos de Soberania — democraticamente eleitos — e dos Militares de Abril, percursores dessa mesma legitimidade democrática. Simultânea e significativamente, também, realizou-se a Corrida da Liberdade, com grande adesão popular, e que é já uma tradicional iniciativa da A25A em colaboração com a Câmara Municipal de Lisboa e a Federação das

Colectividades de Cultura e Recreio. Seguiu-se a sessão da Assembleia da República, onde mais uma vez a A25A viu reconhecido o lugar que ocupa na sociedade portuguesa, como símbolo

> vivo dos ideais de Abril, ao ser convidada de direito justo da sede mais representativa da democracia.

Entretanto, e concomitantemente com todas as actividades que se vinham desenrolando, o 25 de Abril, do Minho ao Algarve, estava na

estrada. Cerca de seis mil jovens, oriundos de quase todos os concelhos do
Continente e das Regiões Autónomas
dos Açores e da Madeira, madrugaram
para às onze horas da manhã estarem,
todos, presentes no Largo do Carmo. Tal
como há vinte anos, a juventude portuguesa, agora a civil, esteve no Largo do
Carmo a cumprir Abril. À sua maneira,
e gosando já o fruto de Abril – a
Liberdade – tiraram alegremente horas
ao sono para gritarem "PRESENTE
!".Foi a segunda MADRUGADA DE
ARBIL!

E no Largo do Carmo, no coração da juventude, perante rodos os Órgãos de Soberania, o senhor Presidente da República agraciou com a Ordem da Liberdade a Associação 25 de Abril. Finalmente a A25A via reconhecido publicamente o papel que, patrioticamente, vem desempenhando na sociedade portuguesa, bem como a reparação.

mbora ainda sem a justiça devida, dos homens de Abril esquecidos da homenagem individual que merecem. Mas a imposição da Ordem da Liberdade no estandarte da A25A teve ainda aspectos peculiares de algum significado! É que

essa imposição não se revestiu da chamada tradicional dignidade protocolar, com toda a gente muito "arrumadinha", mas, antes, e face à exiguidade de espaço para tantos (!), no meio da ordem desordenada de uma juventude felizmente irreverente, alegre e feliz. Tal como há vinte anos, cumpriu-se Abril, no Carmo, com a indisciplina democrática de quem quer, honesta e realmente, participar. Numa palavra, a Ordem da Liberdade foi-nos imposta com a dignidade de Abril!

Com a mesma dignidade – pulso firme e coração quente – o Conselho Nacional da Juventude e a Associação Académica de Coimbra receberam, respectivamente, das mãos do senhor Presidente da República e do Presidente da Direcção da A25A, o símbolo da Liberdade. Testemunho que, a partir de agora, também fica depositado, simbolicamente e não só, nas mãos da juventude portuguesa, como legítima herdeira da defesa da Liberdade que a todos, sem excepção, pertence.

E dali partimos para o almoço no Mercado da Ribeira, a pé e, mais uma vez, ordenadamente desordenados. Era a festa de Abril. Eramos mil, muitos mil, na rua!

O almoço, uma iniciativa conjunta do Presidente da República, da Câmara Municipal de Lisboa e da A25A, sal-dou-se num convívio são, alegre e fraternal. Foi bonito ver a juventude curiosa e ávida em conhecer, conviver e confraternizar com os militares de Abril. Foi comovente, fez lágrimas nos olhos, assistir à espera paciente e feliz dos milhares de jovens que queriam levar consigo um autógrafo de um militar de Abril. De todos os militares de Abril. De todos os militares de Abril. De



o rosto dos "homens sem sono", sem excepção, de caneta em punho e com cachos de mãos na frente dos olhos (Continuação da Pág. 13)

comovidos, transmitia uma única e mesma mensagem: VALEU A PENA! Como também valeu a pena assistir à alegria com que todas as associações de jovens procuraram receber o seu "Testemunho da Liberdade", quer das mãos do senhor Presidente da República, quer das mãos dos militares de Abril presentes no almoco.

A juventude seguiu depois para a Praca do Comércio, onde assistiu, na companhia do senhor Presidente da República, da vereação da Câmara Municipal de Lisboa e da A25A, a um espectáculo repleto de pessoal da "pesada" que mostrou, afinadamente, não só saber cantar a Liberdade como, também, gostar de abracar o nosso saudoso Zeca no coro maravilhoso da "Grândola -Vila Morena". Pelas dezanove horas, iantar para o caminho, os nossos jovens - filhos da madrugada que certamente não esquecem - comecaram a regressar às suas terras. Até para o ano cantaram eles. Até sempre, dizemos nós!

O dia mais longo da festa mais longa continuou. No pavilhão Carlos Lopes a A25A realizou o seu tradicional convivio que, este ano, e em substituição do habitual almoço, se traduziu num jantar bastante participado, bem como na convicção colectiva, mais firme e confiante de que vamos continuar Abril. Pensamos que, futuramente, a opção do jantar, em vez do tradicional almoço, é hipótese a considerar.

O dia, como não podia deixar de ser, terminou em festa. No auditório da FIL, com a colaboração da A25A, a RTP organizou um bonito e agradável espectáculo comemorativo do 20.º aniversário do 25 de Abril, transmitido em directo pelo canal 2 e pela Radiotelevisão Internacional. Voltámos a continuar Abril. Na madrugada de 74, fizemos as pazes com o mundo. Na noite de 94 cantámos e dançámos para todo o mundo, no abraços solidário e fraterno a todos os nossos compatriotas que, além-fronteiras, sonham, um dia e connosco, regar cravos no jardim que os viu nascer.

Os poetas, os músicos, todos os artistas desta madrugada, saberão cantar, e cantar, melhor do que nós, a festa desta FESTA. O nosso coração, tão bem como eles, saberá guardá-la.

António Raimundo

# HOMENAGEM NACIONAL A SALGUEIRO MAIA

Promovida por uma comissão presidida pelo Presidente da Assembleia Municipal de Santarém, onde a A25A foi representada pelo seu associado cor. Joaquim Manuel Correia Bernardo, decorreu uma homenagem nacional a Salgueiro Maia, em Santarém no dia 24 de Abril. Presidiu a essa homenagem o Presidente da República, que igualmente presidiu à Comissão de Honra, onde Vasco Lourenco representou a A25A.

A homenagem decorreu de forma extraordinária, com enorme elevação, fortemente sentida e vivida por todos os presentes, constituindo uma jornada de glorificação do herói nacional Salgueiro Maia e de afirmação dos valores de Abril por ele defendidos.

Transceve-se a intervenção de Vasco Lourenço, na principal cerimónia da homenagem.

Foi há 20 anos!

De repente, como que saídos de um longo pesadelo, os portugueses acordavam livres.

Espantados, atordoados, assistiam ao renascer da liberdade e de imediato a assumiam, a absorviam e a viviam com a sofreguidão de quem não conhecia o seu verdadeiro sabor, mas por ela ansiava há uma eternidade. Mas também com a dúvida e a incredulidade de quem tinha dificuldade em acreditar em tanta felicidade. Como aconteceu com o jornalista-fotógrafo que, ao perguntar ao Salgueiro Maia se podia fotografar o que se estava a passar no Terreiro do Paço, ouviu o jovem capitão dizer-lhe: "Fotografe à vontade. Estamos aqui para trazer a liberdade! " Ou o iornalista que conhecendo do liceu o jovem que ali encontrava fardado, comandando as operações, lhe pergunta "de que lado estão vocês" e ouve, radiante, uma frase que o esclarece totalmente "de hoje em diante, não haverá mais censura, mas sim liberdade de imprensa". E foi já em liberdade que o jornal "República" saiu para a rua com a inscrição "Este jornal não foi visado pela comissão de censura!" Foi já em liberdade que o povo de Lisboa ajudou o Salgueiro Maia a impôr a rendição do chefe do governo fascista, na gloriosa jornada do Largo do Carmo.

Foi já em liberdade que o povo de todo o Portugal ajudou à consumação da vitória do MFA, assumiu a situação nas suas mãos e transformou o que alguns queriam um simples golpe de Estado numa autêntica revolução. Foi já em liberdade que o povo português participou na vitória colectiva desses dias, festejou essa liberdade e comemorou o Primeiro de Maio.

Estavam abertas as portas da liberdade, estava devolvida a soberania ao povo, estava iniciada a caminhada que através de jornadas tumultuosas mas belas, perigosas mas fascinantes, complicadas mas criadoras, nos levaria à construção de un Portugal democrático, livre, solidário, onde os cidadãos têm os seus direitos defendidos na própria Constituição da República.

Porqué recordar tudo isto, nesta homenagem nacional a Salgueiro Maia? Muito naturalmente, porque o Fernando Salgueiro Maia foi um dos

principais responsáveis para que tudo isso fosse possível e viável!

Nesse dia 25 de Abril de 1974. Salgueiro Maia, com a sua accão determinante, tomar-se-ia no símbolo principal dessa data gloriosa que, começando por ser nossa, a entregámos a todo o povo português, inscrevendo-a a letras de ouro na nossa história pátria. Com efeito, comandando a coluna militar saída de Santarém, Salgueiro Maia revelou a maior decisão, serenidade, entusiasmo, sangue frio, bom senso e exacta noção do momento histórico que se vivia. Só assim lhe foi possível enfrentar as várias forças que avançaram para o confrontar. Ouer dando ordens ao pelotão de reconhecimento, de modo a colocá-lo sob o seu comando, quer obtendo a neutralização sem derramamento de sangue da unidade blindada do RC7, bastante mais forte que as forças que tinha sob o seu comando. Que magnetismo irradiaria, que valores transmitiria, que levaram o cabo apontador do carro de combate a desobedecer ao brigadeiro, último defensor do regime fascista, e a passar-se para o lado do jovem capitão que o enfrentava com coragem e serena determinação? Pensando, porventura, no esforço que desenvolvera na

(Continuação da Pán. 14)

guerra colonial onde fora ferido em combate, esforço tornado iniúli, como o de todos os outros combatentes, pela cegueira dos governantes fascitas-colonialistas, pensando na caminhada conspirativa que percorrera com os seus camaradas do Movimento dos Capitães, Salgueiro Maia resolvia, ali, a sorte da autêntica aventura em que nos lançáramos há agenas nove meses.

A Salgueiro Maia estaria ainda reservado outro papel determinante. Não tão perigoso, mas igualmente importante, por mais que não fosse por ter constituido o "cheque mate" à velha ditadura de 48 anos. E ao recordarmos hoje o que se passou, as condições em que o jovem capitão actuou, a natureza e a qualidade das suas forças, temos forçosamente que nos render à sua extraordinária capacidade, à sua grandeza de militar e de Homem, que o levou a tudo superar e a obter resultados tão relevantes e extraordinários, onde difícil é opinar sobre qual a principal particularidade da sua acção: se a obtenção da rendição de Marcelo Caetano e dos seus últimos defensores. se o controlo da multidão que ali se reunira, se a nobreza de atitudes e respeito para com os vencidos, quer durante as conversações, quer após a rendição. Com efeito, só qualidades intrínsecas e extraordinárias, alicerçadas numa excepcional maturidade, podiam dar origem às accões que o transformaram num dos principais heróis da História de Portugal. Não restem dúvidas: mesmo que encarando apenas os aspectos militares, não tendo em consideração o elevado valor da finalidade da sua acção. Salgueiro Maia pode pedir meças a qualquer dos heróis da nossa Historia... E isto é bom que se diga, hoje e aqui. Quando se tenta branquear o antigamente e apoucar a accão dos militares de Abril, é salutar realcar que se tudo correu bem, se tudo pareceu fácil, isso se ficou a dever, essencialmente, à nossa capacidade, militares de Abril, desde o planeamento à acção. O regime estava podre, teve muito poucos defensores na última hora, mas isso não invalida o elevado mérito dos militares de Abril.

Dizendo-se com mais geito para a acção militar que para a acção política, Salgueiro Maia nunca quis deixar os quartéis.

A sua intransigente fidelidade aos ideais do 25 de Abril, que o tornaram num dos melhores intérpretes de um MFA autónomo e não golpista, criou-lhe, no entanto, invejas, marginalizações e perseguições. Muitos lhe não perdoaram a sua independência, a sua autonomia, o seu patriotismo, o seu apego aos valores de Abril.

25 DE ABRIL: ANO XX

de Abril.

Sim, amigo Salgueiro Maia: não foi apenas o seres um dos implicados no 25 de Abril que esteve na base do mau trato que sofreste. A tua coerência de atitudes, o teu amor permanente aos valores de Abril, a tua independência que te impediu de te venderes fosse a quem fosse, é que estiveram na origem da via sacra que te obrigaram a percorrer. Foi isso, caro amigo, eles nunca te perdoaram. Quer os que não esqueciam apenas terem conseguido subir porque agarrados a ti, quer os que não conseguiram comprar-te.

Mantiveste-te toda a vida como um obstinado e coerente capitão de Abril, acontecendo que depois de morto ainda tenhas de competir com ex-pides para que te seja concedido aquilo a que tens direito, e não obtiveste em vida.

Como herói vivo, foste incómodo e por isso marginalizado. Num país onde a reverência pelos mortos – talvez porque já não comprometem ninguém – supera normalmente a atenção que deveria dispensar-se aos vivos, prestamete hoje, aqui, uma homenagem nacional. Com sabor a um acto de tardia gratidão, saliente-se o facto de ser presidida por

um homem, Mário Soares, que por ti sempre manifestou uma grande simpatia, carinho e consideração. E, como diz o povo, mais vale tarde que nunca!

Em nome dos teus camaradas e amigos de Abril, aqui estou a dizer-te que continuamos a sentir-nos muito honrados, por seres um dos nossos. Continuas a engrandecer-nos, ao receberes esta homenagem. Homenagem a que nos associamos, que assumimos como nossa, dado teres sido um dos melhores de nós.

Amigo Fernando.

Como disse o nosso comum amigo Carlos Matos Gomes, amavas a vida intensamente, gostavas de crianças, recusaste honrarias, alinhamentos partidários, sujeições, dependências indignas, sofreste injustiças e calúnias. Foste um Homem que nenhum deus ousará condenar.

Espero que donde te encontras continues a transmitir-nos a tua coragem, a tua frontalidade, a tua humilade, a tua lealdade, a tua sabedoria, a tua coerência, a tua solidariedade, o teu amor à liberdade, enfim a tua maneira de ser e de estar na vida, que te impuseram como um verdadeiro e autêntico Homem.

Até sempre, Amigo.



# O SUCESSO DAS TRÊS BANDAS MILITARES NO COLISEU

O concerto realizado pelas Bandas Militares dos três ramos das Forças Armadas, no Coliseu, em Lisboa, integrado nas Comemorações do 20.º Aniversário do 25 de Abril promovidas pela A25A, constituiu um feliz acontecimento.

Preparado com esmero e perfeita articulação, alcançou merecido sucesso repartido pelas três Bandas que, sendo diferentes entre si, e isso até nas tonalidades sonoras se tornou evidente, brilharam na execução dos programas apresentados individualmente e nas pecas finais tocadas em conjunto.

Comentários ou análises artísticas à actuação de qualquer das Bandas não está ao nosso alcance fazer; mas deixaremos o registo de algumas peças e seus autores, sobretudo como informação aos leitores que não estiveram presentes no concerto, como forma de sublinhar o elevado nível qualitativo do repertório.

Abriu o espectáculo a Banda da Força Aérea, sob a direcção do Capitão João Silva, que desde logo imprimiu o tom de qualidade

miu o tom de qualidade ao fazer-se ouvir na "Marcha Eslava" de Tchaikovski. Das restantes três peças do seu programa, permita-senos salientar o final da "Suite Alentejana", de Luis de Freitas Branco, pela vivacidade e alacridade da paleta musical daquele que foi o introdutor do modernismo em Portugal.

A segunda parte foi completada com quatro peças de distintos autores, onde avulta o

nome de Dimitri Shostakovitch, personalidade musical das mais relevantes deste século. A execução do 4.º andamento da sua "Sinfonia n.º 5" atestou o valor da Banda do Exército (Regimento de Artilharia Antiaérea n.º 1) e do seu regente, Major José Duarte Gaspar.

Seguiu-se a apresentação da Banda da Armada, tendo a dirigi-la o Capitãotenente Araújo Pereira. Executou cinco números, mas foram a Suite n.º 2 da "Carmen", de Bizet, e a selecção da "Aída", de Verdi, os pontos mais altos da sua actuação. Obras operáticas imorre-





doiras do património musical internacional, a formação "marinheira" houve-se com grande homogeneidade e desenvoltura, obtendo excelentes interpretações.

O final do concerto foi constituído pela execução conjunta da marcha inglesa, que entre nós se convencionou designar por "Marcha do MFA", pela adaptação para banda de "Grândola, vila morena" e, em conclusão, pelo Hino nacional, cabendo a cada um dos maestros a direcção de uma delas.

Resta dizer que o público aplaudiu convicta e demoradamente a actuação das Bandas e as medalhas que Vasco Lourenço, Garcia dos Santos e Carlos Fabião entregaram aos seus maestros, em nome da A25A, foram acompanhadas de demonstrações da enorme satisfação pelo que se acabara de presenciar, aliás bem expressa nas palavras do presidente da Direcção da Associação e no semblante do público em geral.

VIRIATO CAMILO

# EXPOSIÇÃO DE MEDALHAS

Organizada pelo nosso associado cor. João Luis Pereira de Castro, esteve presente no átrio de entrada dos Paços do Concelho de Lisboa (realcemos a grande colaboração que nos prestou a Câmara Municipal de Lisboa) uma exposição de medálhas comemorativas do 25 de Abril.

Refira-se e realce-se o elevado nível da exposição que, para além das medalhas, comportou alguns cartazes, o megafone utilizado por Salgueiro Maia no Largo do Carmo e um vídeo onde se mostrava o nascimento de uma medalha (precisamente a comemorativa do 20.º aniversário, da autoria de José Aurélio).

O sucesso desta exposição, visitada por inúmeras pessoas, esteve na origem do pedido que nos foi feito para as comemorações que a Associação de Estudantes de Arquitectura e Belas Artes organizaram. O que permitiu a sua apreciação (ainda que incompleta) pelos participantes nos diversos colóquios aí organizados e que contaram com a participação de alguns militares de Abril, para o efeito convidados.

MANTENHA AS QUOTAS EM DIA PAGUE AS OUOTAS

# CONCURSO LITERÁRIO DA A25A

Integrado no nosso programa de comemorações do XX Aniversário do 25 de Abril, foi oportunamente lançado o Concurso Literário cujo prazo para entrega de originais terminou em 93DEZ31.

O êxito da iniciativa excedeu todas as nossas expectativas, tendo sido recebidas cerca de duas mil produções enquadradas nas quatro modalidades previstas: Conto Infantil, Memória Vivida do 25 de Abril, Poesia Livre e Ouadra.

Todos os trabalhos foram apreciados por um Júri constituido pela Dr.\* Matilde Rosa Araújo (em representação do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários), pelo Dr. Alberto Oliveira Pinto (representante da Associação Portuguesa de Escriticos) e pela Dr.\* Maria Emília Fereira (em nome da A25A).

Foi uma tarefa difícil e morosa não só pela quantidade mas também pela qualidade das obras apresentadas, exigindo do Júri um esforço e um elevado espírito de colaboração dignos do maior realce e do nosso sincero agradecimento.

Em 6 de Abril, em sessão pública realizada no auditório do Montepio Geral, amavelmente cedido para o efeito, e com a presença da Ex.<sup>m</sup> Sr. Prof. Pr. Pr. Leonor Machado de Sousa (representando o Ex.<sup>m</sup> Sr. Scretário de Estado da Cultura) e do Ex.<sup>m</sup> Sr. Dr. Costa leal (Presidente do Conselho de Administração do Montepio Geral), procedeu-se à distribuição de prémios, tendo sido galardoados os seguintes concorrentes:

- Conto Infantil	José Alberto Marque
- Memória Vivida do 25 de Abril	Fernando Grade
- Poesia Livre	José Correia Tavares
- Quadra	José Correia Tavares

Felicitando os vencedores, a A25A envia também uma palavra amiga aos restantes concorrentes, a todos agradecendo a sua colaboração e o valioso contributo que deram para o êxito da nossa iniciativa.

N. F. L. P.

Publicamos, hoje, os trabalhos vencedores em "Memória vivida do 25 de Abril", "Poesia Livre" e "Quadra". Quanto ao conto infantil, estamos desenvolvendo esforços para a sua edicão.

Modalidade: Memória Vivida do 25 de Abril

#### A MINHA QUINTA-FEIRA 25 DE ABRIL

Quinta-feira, tempo de algum sol e nuvens.

25 de Abril de 1974.

Estivera a pintar até às cinco e tal da manhã, como acontecia habitualmente, e, ao deitar-me, preparava-me para dormir as sete horas vulgares, mas nada disso aconteceu. Às oito e meia, o telefone tocou. Era uma querida amiga, a Elvira (a Virissima, como eu a trato) que, em grande e mais do que justificado alvoroço, oferecia-me notícias escaldantes. Se eu já tinha ouvido a rádio? Que não – respondi. Pois bem: Lisboa estava cercada; tinha rebentado uma revolução para derrubar a ditadura.

Liguei, em seguida, a telefonia – e não havia dúvidas. Tudo se passava como a amiga me dissera. Entretanto, o Movimento das Forças Armadas pedia ao povo que se mantivesse calmo, e não saísse de casa. Cheguei à janela, e vi gente

em barda que regressava a penates. Pessoas que - ao sair para apanhar o comboio - não sabiam de nada... Iam a caminho do emprego, com os motivos de sempre, e esse desejo corriqueiro saíra-lhes furado. Regressavam, agora, com o ar patusco e aturdido de quem não entende o que acontece à sua volta..., de quem não sabe o que há-de fazer à vida ou às voltaretas da vidinha... Depois de tantas décadas (quase cinco) de incultura praticamente generalizada, e não tendo existido qualquer hábito de leitura responsável ou reflexiva, era fácil de perceber por que motivo as pessoas, numa emergência assim, não sabiam como ocupar o tempo que sobrava. Toda essa gente tinha semelhanca com os actores mediocres que, em palco, ficam assustados como donzelinhas, não sabem como ocupar as cabras das mãos! Eram manápulas, trambolhos, algo inusitado para o tamanho do corpo...

Devo dizer que tentei dormir de novo, mas não consegui. Aliás, o MFA pedia às populações que não saíssem de casa. Seja como for, estava atormentado por uma legião de bichos carpinteiros; vim para a rua, faltava-me o ar... e apanhei o comboio para o Cais do Sodré. Mas não tinha grande esperança de conseguir pôr os pés fora da estação...

Ali chegado, apercebi-me imediatamente que estávamos a viver um dia histórico. Os militares isolavam o largo do Cais do Sodré. Apareceu a meu lado um camarada da CDE de então, o Jorge Miranda, creio que descera também do mesmo comboio que me trouxera. A tropa controlava todas as esquinas do Cais do Sodré. A rua do Alecrim só podia ser atingida através da rua das Flores. Desta feita, eu e o Jorge seguimos pelos Remolares e, subindo as escadinhas das Flores, desembocámos, festivos, no Alecrim. A pé, trepando, trepando, chegámos ao Chiado. Não sei (tantos rios depois!) se o Jorge me acompanhou até à "Brasileira", ou se nos despedimos à esquina da igreia da Encarnação. E entrei em polvorosa, mordido por mil diabólicos besouros, no legendário "café" que fora do Pessoa e do Botto, do Aquilino e do Pascoaes, do Almada e do Jorge Barradas, do Tomaz de Figueiredo e de tantos, numerosos outros, e ainda era, então, do Manta (Velho) e do tímido Luís Dourdil do Aleixo Ribeiro e do Manuel de Azevedo.

Na "Brasileira", os frequentadores falavam, já. livremente Excitados. Estive com o João Hogan e com a Isabel Laginhas. E, decerto, com outros confrades de que não detive os rostos nem os nomes. Sinto que sobreveio uma névoa, talvez um biombo. Mas acredito que em todos os olhos havia esperança. A Primavera estava para chegar... Entretanto, passam carros de combate defronte da "Brasileira". Nais excitação, maior alegria ainda, retenho uma voz (de quem?) aos berros: (Continuação da Pág. 17)

- Mas, afinal, onde é que estão eles?... Onde é que eles estão?!... Onde é que eles se meteram hoje?!...

Referência enviezada aos pides, grandes habitués da "Brasileira" e seus vizinhos. A sede da tenebrosa estava ali a dois passos

As pessoas – eufóricas – vêm à porta vitoriar os soldados.

As tropas do Movimento vão cercar o quartel do Carmo.

Alguém traz um transistor atado aos dedos. Continuam os comunicados febris. E música séria, dentro do ligeiro. Ouvemse as canções (até há pouco incômodas) do Zeca, do Manuel Freire e do Sérgio Godinho, do Adriano... Era o delfrio com asas! O Rádio Clube Português transmitia apenas música responsável.

Mais carros de combate, rumo ao largo do Carmo. Um tanque toma posição à porta da livarais \$\frac{2}{3}\$ da Costa. Em cada lado da rua, v\tilde{e}em-se soldados de "G 3" em riste. \$A pintora Teresa Magalh\tilde{e}es, velha amiga, chega \tilde{a}" Brasileira". O caf\tilde{e}est\tilde{a} prestes a fechar. Informou algu\tilde{e}m, ligado \tilde{a} administra\tilde{q}\tilde{o}. E as portas s\tilde{a}0 mesmo encerradas, e os clientes convidados a sair.

-Para onde é que vamos?...-ouve-se.

- Para onde é que se vai?... - pergunta,

A Teresa Magalhães, que mora mesmo no largo do Chiado, com os pais, num segundo andar que dispõe de uma varanda corrida sobre a rua, convida-me a mim e à Isabel Laginhas para sua casa. Optimo refúgio. Pouco depois, a Isabel retira-se, vai á sua vida. Eu fico. Mantenho-me ali, naquele andar do Chiado, com a Teresa e familia, estou no fogo dos acontecimentos, foi o dia mais bonito da minha vida.

O que vi no dia 25 de Abril Jamais esquecerei. Quer isolado na nua, quer no meio do povo, da multidão compacta, quer no convívio com as tropas – sim, porque as pessoas conviviam com os militares –, ou mesmo do que me apercebi postado à varanda, de tudo isso guardo imagens indeléveis. Da alegria sem barreiras ao receio autêntico.

O Magalhães Pedroso (meu anfitrião na emergência e pai da Tereas) é fotógrafo, e vem para a rua captar o momento histórico. Sámos os dois. Vivemos o Chiado novo e a pátria a resgatar-se. Algumas das fotografias mais célebres sobre o 25 de Abril e que corream mundo são da autoria do Magalhães. Andei com ele algum tempo na zona chiadense. Alíás, o Magalhães é igualmente o autor de uma fotografía onde aparece o autor destas linhas, integrado em vero painel social, cerca do meio-dia e meia hora, à esquina da livraria \$6 da Costa, na rua Garrett.

Deixei depois o Magalhães, fui procurar sózinho o real.

Posso dizer que chorei quando vi as viaturas militares carregadas de povo, confraternizando com os soldados, vindos da Nova do Almada para a Calçada do Sacramento. E, minutos volvidos, o estardalhaço das espingardas metralhadoras.

Fugi, ainda, numa correria louca entre muitas centenas de pessoas (onde havia também diversos soldados do Movimento. diga-se em abono da verdade) quando, no Carmo, alguém deu o alarme - falso ou verdadeiro? - de que as forcas da G.N.R. colocadas na Trindade, avançavam sobre os sitiantes do quartel. A verdade é que, com a carteira de iornalista em punho, tinha aberto caminho até à parte central do Largo do Carmo, ultrapassando a barreira de militares que formava um cordão de segurança. Estive poucos minutos ali. Nisto, vindo de cima, uma matula desenfreada desembocou no largo, em autêntico estilo de cavalo com o freio nos dentes, e os paisanos e os tropas desandaram em fúria pela estreita travessa abaixo.

Os fugitivos chegaram em polvorosa à esquina da rua Garrett. Deparet, então, com uma pequena coluna que subia a atrás referida Rua Nova do Almada; sobre os veículos bélicos, com as armas viradas ao céu, os gestos sadios – puro frenesim! –, o povo armado berrava:

- Já ganhámos!... Já ganhámos!!!...

Achei estranho, embora essa alegría fosse deveras contagiosa. Seja como for, ainda há meia dúzia de segundos, o pago-de descera, com asas nos pés, a figreme Calçada do Sacramento e a travessa do lado... Os soldados apearam, e a gente começou a dispô-los nas ombreiras das lojas de todo o primeiro quarteirão da Rua Garrett. Assim

Vá, fica aqui agachado... Aqui é que estás bem!
Eh pá, para aí, não, escondam-se

 Eh på, para ai, nåo, escondam-se naquela porta... é muito melhor!

Com efeito, o povo lisbonense é que conhecia as manhas geográficas da sua linda e tortuosa cidade. Além disso, faz parte dos livros antigos o conhecimento de que calma e caldinhos de galinha nunca fizeram mal seja a quem for... e muito menos a tropas em armas...

Volto para a casa da mãe da Teresa. A habitação dá, aereamente, para a rua da Pide. Digamos que estou, agora, à varanda, evejo o dia óptimo a corer. Soam, ao redor, numa igreja, as badaladas da uma da tarde. Um homem altudo e ainda jovem, de descomunais gadelhas pretas, caindo até meio das costas, cruza de repente, a paisagem — de onde terá saído? —, e explode em girândola verbal, ao mesmo tempo que se encaminha para a mesmo tempo que se encaminha para a

Rua António Maria Cardoso, onde fica situado o tugúrio dos torcionários:

Hasta la victória, siempre Che!!!
 Hasta la victória, siempre Che!!!

Entretanto, pelo mesmo passeio colado ao edifício da segunadora, vejo, em baixo, uma sombra de presságios a confundir-se com a parede; é um corpo com medo, nota-se, um chui bufo em direcção à sede da Pide, procura a casa-mão onde, decerto, se iria acoitar. Tratava-se de Teles Freire, chefe da trenebrosa cascalense.

Mas ouve-se, a Norte, fortíssima metralha. Das cercanias da Trindade? Creio, por momentos, que os fascistas vão de algum modo reagir. Para provarem que o regime não caiu de podre. O que afinal aconteceu, afundou-se fétido e corrupto, bichoso como o pêro dos vermes!

De batalhas de rua jamais tivera experiência. Retinha os relatos em fogo da tia Domingas, que morrera com oitenta e muitas primaveras, e falava de um tempo em que as revoluções e as bernardas aconteciam por dá cá aquela palha. Os revoltosos, os oportunistas e os outros... Estava cada seita postada em sua esquina, os fuzis agressivos, os balázios em ricochete. havia bujardas que atravessavam as paredes... É com esta lembranca sanguínea, ao ouvir as primeiras descargas por sinal violentas, mas que foram acidentais, que dou por mim a pegar no bebé de poucos meses (o filho da Teresa Magalhães), que se encontrava a dormir numa alcofinha forrada com algodão, na parede que dava para a varanda corrida, e onde um ataque hipotético poderia trazer funestas consequências. Com genica, peguei na pequena alcofa, com o bebé dentro e, durante longos e angustiosos minutos, tentei arraniar um poiso seguro para o menino. Nos fundos da casa, na zona da cozinha, não era sítio aconselhável, porque estava à mercê de tiros disparados, porventura, a partir das varandas da Pide. Optei por esconder a alcofa com o seu precioso conteúdo, a meio do corredor, pensando que, no caso de as paredes serem perfuradas - sabia-se lá, na altura, o que poderia ainda acontecer! -, o melhor local defensivo era, de facto, a parte central do corredor...

Mantive-me no segundo andar do Chiado, em casa do Magalhães, que regressou hora e meia depois. O nosso amigo trazia nos rolos algumas das mais belas e sentidas imagens do dia da revolução, essas fotos correram mundo e fizeram História.

Em casa, ouvíamos rádio, Percebia-se que, desta vez, o mundo ia finalmente mudar! O almoço foi muito tarde, eram três horas; comemos carapaus com feijão fradinho, que nos soube a uvas moscatéis... (Continuação da Pág. 18)

De seguida, fomos todos para a varanda ver a rua... A Rádio anunciava que tropas afectas ao governo agonizante, efectivos da GNR, subiam a Calçada do Combro, rumo ao Camões...

Noutro posto radiofónico, informava-se que o comandante das tropas revolucionárias estacionadas no Camões estava a ser abordado pela chefia das praças da GNR, oriundas do Combro, a qual tentava seduzir o outro comando...

Da varanda, via-se, ao longe, a conversa... e os gestos de um e outro dos contendores... E gritávamos lá para baixo:

- Não lhe ligue!, não lhe ligue!... O tipo é fascista!!!...

A rádio diz que está para breve a rendição de Marcelo Caetano, no quartel do Carmo. São cinco horas e quarenta e cinco. Dez para as seis, saio de casa dos meus amígos, abandono, de vez, o lugar privilegiado onde saboreel o Dia D lusitano. Estou no Carmo às 6 da tarde, onde o povo frenético enche a praça. Os carros de combate têm os canhões apontados para a empena do quartel. E não há meio de o Marcelo ser persol...

Impaciente, dirijo-me para o Rossio, onde ainda não tinha estado. Mal desci a rua do Carmo, apercebi-me logo, mas logo, que, na praça D. Pedro IV, estava a formar-se uma manifestação. Os propósitos dos manifestantes era marchar para o Terreiro do Pago e assenhoracarem-se dos ministérios. Eis-me, pois, no Rossio, e estou vestido de casaco preto, calças azuladas, uma camisola bem vermelha (vermelhão) e camisa da mesma gritante cor.

No dia seguinte, as gazetas põem-me ao corrente da verdade: aquela "manif" era obra do MRPP... Para já, em desejo irre-flectido, sinto uma doida vontade romântica de ir com os outros.... Rua do Ouro abaixo... Mas cheira-me a aventureirismo baccoc, e acertei. Subo, de novo, ao Chiado, na intenção de ver prender Marcelo Caetano. Vou furando por entre a multidão ("dás um jeitinho?!..."; "não se importa?!..."), e vejo-me defronte da última porta do quartel do Carmo, a que fica mais perto da rampa que dá acesso à central ferroviária.

Ao redor, vêem-se civis abraçando soldados como se fossem amigos de longa data. Deparo com gente que, de olhos sensitivos, dava de comer às tropas. Pessous que tiravam fotografias do grande acontecimento, na companhia dos militares. E chega, enfim, António de Spínola, general das Áfricas. Lembro-me de pernadas e pernadas e pernadas de povo encarrapitado nas árvores, seguindo efusivamente o ataque mortal à ditadura de 1926. A opressão estava a terminar...

Penso que, apenas há meia hora, encon-

trava-me (foclórico..., embora festivo) à varanda de um 2.º andar do Chiado, e. neste momento exacto, estou no centro do universo... Nas costas de Spínola, cerraram o portão do quartel. Os minutos correram nervosos. E já, novamente, o mesmo portão se abre: vê-se agora, no túnel, o Marcelo, prisioneiro, entrar no carro de combate. Ouvem-se vaias, maldicões. Chovem cuspidelas para a carapaca do blindado que rompe por entre a multidão. No interior do veículo, o Marcelo vai verde, leva o rosto destruído, vê-se-lhe nos olhos que não entende ainda o que acontece agora; agora e já é página da História: o ditador mostra uma carantonha siderada de um verde eterno, como as fardas da sua apalhacada Mocidade Portuguesa.

Parafraseando o poeta lisboeta Fernando Pessoa, o dia está cumprido.

Pessoa, o dia esta cumprido. No Largo do Carmo, a Poente, na praça coalhada de povo, muitos civis e também alguns militares invadem o 1.º andar de um prédio, onde existe uma firma exportadora de vinhos. Passou tempo, e reparo que, do interior do edifício, começa a sair muita gente apetrechada com garrafas de estupendos vinhos de marca. Era uma tentação a que quis resistir, mas foi superior às minhas forças. Penetrei ainda no ditrio do prédio, com tenções de subir as escadas e obter, outrossim, o meu recuerdo vinícola. Todavia, dois indivíduos, que acabam de descer as escadas, berram:

 - Já não há mais!!!... Era bom mas acabou-se!!!...

Descubro, então, um jovem a encaminhar-se para a saída; veste calças muito largas (estilo marcial, ou eram mesmo da tropa?...). bolsos fundões, sobrepujados de garrafas de vinho e ainda uma botelha apertada em cada uma das axilas. O divertido larápio mal podia andar. Tive uma ideia parisiense, luminosa, em jeito de mando:

- Eh pá, deixa-te de conversas!... Dá cá uma garrafa. Levas aí tantas!... Ainda cais com essa tralha toda... e matas-te... ou ficas desgraçado da vida... com esses vidros... Dá cá uma garrafa.

Instintivamente, o fulaninho, sem dizer chus nem bus, descoseu-se com uma belíssima botelha.

Para evitar as atenções mais curiosas, embrulhei a garrafa querida na gabardina que levava pendurada no braço, prendi, depois dessa operação de camuflagem, o resguardo no sovaco direito, e desandei em direcção ao largo Rafael Bordalo Pinheiro. Aqui, um jipe empanado seguia aos empurrões de 3 mulheres gordas e de el homem. O povo empurrava... Essas mulheres fortes, empurrando..., faziam, também elas, a revolução. Desta cooperação estupenda, desta dádiva bem popular, desta alegria comunitária, guardo momentos deveras inesquecíveis.

Desemboquei no Largo do Chiado, na intenção de descer o Alecrim. Mas fui atravessado por uma ideia inquietante: deu-me na veneta ir para o Cais do Sodré através da Rua António Maria Cardoso, passando, portanto, nas barbas da Pide, Foi uma espécie de gozo motriz, um cagaco de muitos bicos que poderia bem ter dado para o torto...; enfim, tinha ganas de terminar em beleza o meu dia... Namorei, por segundos, a montra da antiga livraria que foi do jornal "Diário de Notícias", e encaminhei-me para a rua dos Pides. tomando o passejo do lado direito. A garrafa de vinho de óptima chancela continuava embrulhada na gabardina azul. Passos andados, vejo no passeio contrário, e cosido com a parede, a mesma personagem que há 1 da tarde (estava eu na varanda do Magalhães Pedroso...) vira passar para a sede da Pide. Era o atrás aludido Teles Freire que abandonava, agora, a casa-mãe. O Teles que fora, alguns anos, chefe da tenebrosa em Cascais...

Devo confessar que tive medo. Que ideia estapafúrdia e macabra passar sózinho naquele sítio aziago, trajando camisola vermelha e camisa do mesmo tom, ali nas bochechas da sinistra Pide!... Veio um carro preto, de estadão, parado à porta: um dos mandões está prestes a embarcar. fugia... Reconheço-o: é, mesmo, o Silva Pais, o major director da desumana corporação. Para que os sicários não vissem em mim o medo que sentia, tentei mostrar àvontade no modo de andar e, olhando sempre sem petulância, troquei o passeio do lado direito pelo esquerdo, cruzo a soleira da porta mil vezes odiada, descubro pides em todas as janelas do imóvel (ainda ninguém foi desarmado) e dois ou três mânfios encontram-se na faixa de rodagem, onde se foram despedir do chefe-mor.

Começo a descer a Vítor Cordon, penso apanhar – e consegui – o comboio semirápido das 19.44 horas, e, à esquina da Calçada do Ferregial, dou com um homem a fazer-se bem disposto, curioso, distraído... bonacheirão, mas o malvado tem olhos de pide (aquelas fris não enganam: são de torcionário...)

O fulano está a meter conversa com um ovem:

- Então, o que é que levas aí na saca?

O moço transporta às costas uma saca atulhada de garrafas. Ri-se. Matrierio. Tira o cordel grosso e, pela abertura, apercebome que as garrafas pertencem à mesma exportadora situada no Largo do Carmo... Era vinho de estalo que passara a ser do povo!!! (Continuação da Pão 19)

Ouço um barulho algo esquisito, proveniente dos fundos da Calçada de S. Francisco. Oue seria?

Desco finalmente para o Corpo Santo, e atinjo a estação dos comboios. No dia seguinte, leio no jornal "O Século" que a Pide, às 8 menos 15, tinha cometido os seus últimos crimes: quatro mortos. Quatro pessoas assassinadas entre os manifestantes da tal aglomeração que se formara no Rossio, fora ao terreiro do Paco, à porta dos ministérios..., e resolvera subir, depois, à António Maria Cardoso... Era a "manif" que, às 6 e pouco da tarde, eu tinha visto ganhar corpo, no quarteirão sul do Rossio. Tratava-se de iovens, especialmente, do MRPP (soubese a posteriori) que desencadeavam accoes políticas desenguadradas das restantes forcas antifascistas...

À verdade é que, se tenho cruzado - três ou quatro minutos mais tarde - a Rua Vítor Cordon, tinha-me apercebido da manifestação em marcha, vinha aí uma "manif"!, e (sabe-se lál), dentro do espirito ainda juvenil de "manif" por "manif", poderia muito bem ter-me nela incorporado, em direcção à sede da Pide... E poderia ter igualmente acontecido que não estivesse agora, aqui, a escrever este texto de jeito recordatóriol, memória em fogo... A vida é amassada por infumeros casulos, feita de múltiplos acasos, sádicos alcatruzes de nora.

Assim, apanhei o comboio pensado. Em sossego. Sempre com o vinho divinal, escondido na gabardina... Era um vinho tinto com algum corpo, estupenda pinga balsamizada que serviu de mercida moldura para esse longínquo jantar de uma quinta-feira muito festiva...: 25 de Abril de 1974.

No fundo, esse vinho continua moço, faz agora 20 anos, e nunca tenham vergonha de chamá-lo pelo seu nome de guerra e de casta:

A-B-R-I-L.

## Modalidade: OUADRA

Tal qual a chuva tardia Fazendo mais mal que bem, Se tu vieras um dia, Morrera, mesmo assim vem

\* \*

### Modalidade: POEMA

## SINFONIA EM FÁ MAIOR

- cinco andamentos

## Primeiro andamento

Vento embora agreste de Angola te trouxe semente como pudeste sobreviver às aves aos peixes voadores a canhangulos às armas finas

para seres aqui em minhas mãos entre sete colinas

#### Segundo andamento

Semente
e bem o sabes
uma das técnicas
tradicionais de agricultura
é fazer a queimada
sabedoria muito antiga essa
de eu encontrar nas cirzas
leito propício à tua germinação
breves palmos de tera
canteiro que a floresta
fazendo-se de novas
mais starde ou mais cedo
recuperará

#### Terceiro andamento

Entraste nos meus sonhos já ninguém vai conseguir roubar-me a curva tão suave do teu rosto os longos dedos ó tocadora de harpa dos meus nervos teus olhos de obsessiva obsidiana

#### Quarto andamento

Amor de apenas uma hora um instante um beijo flexível o corpo mas tão exposto e todas as fúrias se soltaram assim as desabrochadas pétalas vermelhas raiadas de negro

vermelhas raiadas de negro Insecto de outro poema não serei capaz enrodilhadas as asas as pernas do teu pólen excessivamente pesadas

#### Ouinto andamento

E a céu aberto se fez a sedimentação dos materiais e decantados que fomos se evaporou a humidade adjacente e ficâmos cristais ortorrômbicos embora calcários como antes nos sabendo mas já despreocupados de ventos mesmo de nossa cruzes avisas

## **DESFILE MILITAR**



Organizado pelo EMGFA, realizou-se um desfile militar na Avenida da Liberdade, em Lisboa, onde se destacou a participação de representações dos vários Estabelecimentos de Ensino Militar e Estabelecimentos Militares de Ensino.

Pela primeira vez., a Associação 25 de Abril foi convidada a estar presente. De acordo com a nossa vontade, os militares de Abril assistiram juntos ao desfile, numa tribuna própria. Incluindo o Presidente da Direcção da A25A que, tendo lugar junto às mais altas entidades presentes, preferiu ficar no meio dos seus camaradas de Abril

# O DESPORTO NO XX ANIVERSÁRIO DE ABRIL

No seguimento do derrube do fascismo em 25 de Abril de 1974, foi feito em Portugal um esforço muito sério para que a prática desportiva fosse encarada, correctamente, como um direito das populações e uma componente essencial no processo educativo e formativo das camadas juvenis. Do empenho posto em concretizar a orientação definida, resultaram condições que permitiram avançar no sentido de uma efectiva democratização da actividade física.

É verdade que grande parte desse esforço não teve sequência, ou perdeu-se mesmo nas

deu-se mesmo nas vicissitudes da evolução da vida portuguesa nos últimos anos. Mas muito do que no campo desportivo o Povo Português ganhou com o 25 de Abril, ainda que com muitas dificuldades, per-

manece, qual preciosa herança, preservado em milhares de colectividades, protegido (em parte significativa) pelo poder autárquico democrático, animado pelo trabalho abnegado e competente de inúmeros técnicos e dirigentes.

Não é, portanto, por acaso, que todos os anos milhares e milhares de portugueses, de todas as idades e das mais variadas formas, comemoram o 25 de Abril participando em actividades desportivas.

Por tudo isto e, também, porque a Associação 25 de Abril escolheu para lema das Comemorações LIBERDA-DE E JUVENTUDE, o Desporto marcou presença, desde o primeiro esboço de planeamento, nas festas do XX Aniversário. Não tanto, como vimos, pela importância social do fenómeno desportivo nos nossos dias, mas, sobretudo, pelas consequências da Revolução dos Cravos no sector.

Tendo como objectivo maior a dignidade e o brilhantismo adequados à data, foram levadas à prática as seguintes realizações:

T

## II RAIDE DA LIBERDADE

Convívio cicloturístico que se realizou no passado dia 24 de Abril, entre a Trafaria (Porta do Presídio Militar) e a Pontinha (frente à Porta de Armas do Regimento de Engenharia), passando por toda a região da Margem Sul até Vila Franca de Xira e descendo, a partir



daí, ao longo do Tejo. Sabendo-se que entre os militares que estiveram presos na Trafaria muitos houve que foram lá parar, não por crimes ou por infrações ao RDM, mas, apenas, porque de algum modo se bateram por uma Pátria mais livre e mais justa; conhecida a importância que teve o Quartel da Pontinha na acção desencadeada pelo MFA em 25 de Abril de 1974; e tendo em linha de conta as características do titnerário percorrido onde os braços nunca cairam na luta contra a ditadura fascista, o trajecto da prova bem pode

simbolizar uma viagem da PRISÃO À LIBERDADE.

Com coordenação técnica do nosso sócio Alves Barbosa, o II Raide da Liberdade promovido pela Associação 25 de Abril, contou com a colaboração de outros dirigentes e técnicos, organizações desportivas, autarquias, Corporações de Bombeiros, GNR-BT, rádio-amadores e sócios da Associação 25 de Abril.

Pela forma como se formou e se deslocou e pela recepção que teve na Pontinha, a caravana do II Raide da Liberdade constituiu uma digna e vistosa embaixada comemorativa dos 20 anos de Abril

I

## CORRIDA DA LIBERDADE

Disputou-se na manhã de 25 de Abril passado. Como tem acontecido, a prova foi organizada conjuntamente pela Associação 25 de Abril, pela Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio (FPCCR) e pelo Pelouro do Desporto da Câmara Municipal de Lisboa com o apoio técnico da Federação Portuguesa de Atletismo e da Associação de Atletismo de Lisboa.

Foi decidido que a corrida do XX Aniversário deveria ser mais participativa, quer quanto à forma quer quanto aos concorrentes - mais presenças, sobretudo de gente nova. O que foi conseguido em pleno. A Corrida encheu a Avenida da Liberdade de juventude, que competiu com alegria, e foi presenciada por significativa moldura humana.

Medalhas e diplomas criados expressamente para a Corrida da Liberdade por Rogério Ribeiro e troféus da autoria



(Continuação da Pág. 21)

de José Aurélio, foram atribuídos aos atletas e colectividades. O Prof. António Figueiredo da Federação Portuguesa de Atletismo, foi o coordenador técnico da prova, a qual, verificando embora falhas que urge corrigir, criou a possibilidade de serem introduzidas importantes alterações positivas nas futuras edições da CORRIDA DA LIBERDADE.

III

## A GINÁSTICA EM FESTA

Como houve possibilidade de se começar com tempo e se desejou a participação massiva da juventude, concluiuse que seria oportuno tentar novo local e uma realização diferente da que tem sido habitual.

Planeou-se uma segunda parte, designada MONTRA DA GINÁSTICA, que seria pelo menos em parte e formalmente, semelhante aos tradicionais saraus. Mas a primeira parte seria algo de novo. A FESTA, assim se chamou, seria isso mesmo - revoadas de jovens ginastas, em grandes formações, iriam evoluir no recinto com a alegria que lhes é própria e com o apuro que os técnicos, no trabalho preparatório, tivessem com eles conseguido atineir.

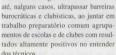
O local escolhido foi o Complexo Desportivo "Cidade de Almada", no Feijó. Uma vez obtida a colaboração da Câmara Municipal de Almada, das Federações de Ginástica de Lisboa e de Setúbal, um núcleo central de uma dúzia de técnicos e dirigentes iniciou em fins de Setembro de 1993 um trabalho árduo e inovador mas que foi desempenhado com muito entusiasmo e dedicação.

Esse trabalho desenvolveu-se em duas vertentes:

- 1.º Debate e definição dos conceitos da FESTA JOVEM e de como materializá-la dos pontos de vista técnico e organizativo;
- 2.º Difundir o objectivo no terreno colectividades das margens Norte e Sul do Tejo e escolas da Margem Sul - e comecar, também aí, a construí-la.

Foi assim que, embora com tempos e graus de empenhamento diferentes,

cerca de um milhar de jovens praticantes e de meia centena de técnicos começaram com meses de antecedência uma actividade enquadrada nas comemorações do XX Aniversário de Abril. Tendo-se conseguido



O deslocamento e concentração de tão elevado número de ginastas e de material, bem como a implantação do sarau tornaram necessário resolver uma série de problemas - divulgação, logística, decoração, apoio humano no local, transportes, etc. Na resolução destes importantes aspectos de A GINÁSTICA EM FESTA contou-se com colaboração valiosa de sócios da A25A, de colectívidades, de autarquias e do Exército que cedeu 11 viaturas para transporte de pessoal.

Garantiu-se a participação da Classe Especial dos Pupilos do Exército e da Classe de Mesa Alemã da Academia Militar.

A Câmara Municipal de Almada, com a colaboração da Federação Portuguesa de Trampolins e de Desportos Acrobáticos, montou no exterior do Pavilhão um espaço de acolhimento e animação (grupos de teatro, parede de escalada, trampolins) para enquadrar festivamente os jovens desde a chegada até ao início do Sarau, que correspondeu plenamente ao pretendido.

A GINÁSTICA EM FESTA realizouse na tarde de 30 de Abril e começou com breves saudações do dr. Vasco Lince (Presidente do Comité Olímpico



de Portugal), de Emília de Sousa (Presidente da Câmara Municipal de Almada) e do Ten. Cor. Vasco Lourenço (Presidente da Associação 25 de Abril), e decorreu com o vasto recinto repleto de ginastas e de público quase até final. Pequenos problemas, que nestas coisas sempre acontecem, não ofuscaram o brilho desta realização, a qual encerrou condignamente o ciclo de comemorações desportivas do XX Aniversário do 25 de Abril Organizadas pela A25A.

Com amargura se constatou que, não obstante o esforço efectuado, a generalidade dos grandes órgãos de comunicação social, com excepção da RDP1, passou ao lado da parte desportiva das comemorações de Abril, ignorando-a. Ou (quem sabe?) talvez tenham sido os milhares de jovens, de técnicos e de dirigentes que nela participaram que passaram ao lado da comunicação social que temos.

A todas as pessoas e entidades que, de algum modo, contribuiram para esta parte das comemorações, expressamos, através do REFERENCIAL o nosso agradecimento.

# **COMEMORAÇÕES DIVERSAS**

#### TORONTO

Correspondendo a repetidos convites que em anos anteriores não puderam ser satisfeitos, o director de "O Referencial" deslocou-se este ano a Toronto, Canadá, onde participou nas Comemorações do XX Aniversário com representantes da numerosa colónia de emigrantes portugueses ali fixados.

Foram duas as associações que, naquela cidade, decidiram assinalar o 25 de Abril e quiseram ter consigo um representante da A25A; núcleo de Toronto da A25A, constituído por um grupo de sócios e apoiantes ali residentes, e que desde agora passou a designar-se "Núcleo Capitão Salgueiro Maia" e a Associação Democrática de Toronto, agremiação com larga tradição de empenhamento nos ideais democráticos, vinda dos nos ideais democráticos, vinda dos

tempos anteriores ao 25 de Abril.

As duas instituições promoveram iniciativas distintas, ainda que com alguns dirigentes participando em ambas, até porque são associados de uma e de outra, mas a presença do representante da A25A permitiu conciliar os programas, conseguindo inclusivamente que cooperassem em diversos actos e cerimónias, de tal maneira que quase é legítimo falar num programa comum das comemorações em Toronto. Aliás o director de "O Referencial" vincou, nas suas várias intervenções, o gosto que teria se viesse a constatar que a sua visita contribuira para que, no futuro, o núcleo da A25A viesse a ser o local de convergência de todos os "homens e mulheres de Abril" fixados em Toronto, independentemente das diversas associações onde se reunem. por motivos regionalistas, clubistas,

ideológicos, ou outros. E que, em torno do Núcleo Capitão Salgueiro Maia, todas as instituições de Toronto que se mostrassem interessadas, viessem a participar na concretização de programas de comemorações conjuntas. Há sinais de que estes apelos possam ter encontrado eco.

O representante da A25A participou num "Porto de Honra" e num almo-ço comemorativo na A s s o c i a ç ã o Democrática, cada um deles juntando algumas centenas de pessoas e, no dia 25 de Abril, num jantar

promovido pelo Núcleo Capitão Salgueiro Maia, que teve lugar na sede da "First Portuguese Association", a mais antiga agremiação de emigrantes portugueses na cidade, que reuniu cerca de uma centena de convivas. E participou ainda num jantar informal na Casa do Alenteio.

Do programa constou ainda uma visita à sede do Município de Toronto, a convite de um vereador de origem portuguesa, eleito por uma zona da cidade onde reside uma majoria de emigrantes nossos compatriotas, vereador que aliás esteve presente nos mais importantes actos comemorativos. Houve ainda uma visita ao Parlamento Regional de Ontário, com sede em Toronto, com assistência a uma sessão normal do plenário, e uma visita informal ao consulado de Portugal, cujo cônsul tambem participou nos momentos mais significativos das comemorações.

O representante da A25A teve também oportunidade de, através da comunicação social de expressão portugesa, se dirigir por diversas vezes à generalidade da nossa comunidade, assim ampliando o eco das comemorações locais do 25 de Abril e pondo em destaque o seu significado. Para além de entrevistas a diversos jornais e estações de rádio, esteve presente em duas rubricas distintas de um programa de TV para a colónia portuguesa, num Canal Multicultural, assim chamado que se destina às diversas comunidades emigrantes, e em duas estações de rádio de programação em língua portuguesa.

O alcance desta visita excedeu largamente as expectativas iniciais, constituindo uma excelente oportunidade para atrair a atenção de emigrantes para os valores do 25 de Abril, e uma referência para que os democratas portugueses de Toronto, da região



(Continuação da Pág. 23)

de Ontário e mesmo do Canadá, venham a convergir em torno dos ideais que perfilham, ultrapassando algumas divergências menores, que por vezes prejudicam a unidade em torno do que é fundamental.

Os portugueses de Toronto foram inexcedíveis na simpatia e carinho com que receberam o representante da A25A, na dignidade com que quiseram assinalar o XX Aniversário do 25 de Abril, e na frontalidade e abertura com que quiseram dar a conhecer a realidade da sua vida enquanto emigrantes.

O 25 de Abril esteve presente em Toronto. Não porque ali estivesse um representante da A25A ido de Lisboa. Mas porque reside no íntimo daqueles que, ali erguendo um núcleo da Associação, quiseram afirmar a sua determinação de manter vivos os ideais de Abril.

PEDRO PEZARAT CORREIA

#### HOLANDA

A A25A fez-se representar pelo maj, médico Carlos Cruz Oliveira nas comemorações organizadas pela Associação Portuguesa de Amesterdão e pelo Grupo Desportivo e Cultural dos Portugueses de Haia.

Jornada bastante participada, comportou várias confraternizações em Den Haag, Zoetermener e Amesterdam e demonstrou bem a importância que muitos dos portugueses, que vivem e trabalham fora do seu país, continuam a dar ao 25 de Abril, como data da reconquista da liberdade e da democracia. Igualmente bem presente esteve a sua vontade em comemorarem essa data libertadora, confraternizando com um representante dos autores dessa mesma libertação.

## FRANKFURT

As comemorações dos 20 anos do 25 de Abril, abrangeram um vasto leque de actividades, recreativas e culturais, entre 20 de Abril e 8 de Maio, promovidas por um grupo de emigrantes sediados na área de FRANK-FURT.

A Associação 25 de Abril associouse às comemorações, tendo estado presente através do associado Ten. Cor. Martins Lopes, em substituição do Sr. Marechal Costa Gomes.

Das comemorações constou a realização de um jantar de confraternizacão no dia 29 com cerca de 100 emigrantes e no dia 30, a realização de uma "Festa do 25 de Abril", na qual usaram da palavra diversas individualidades locais( governamentais e nãogovernamentais), demonstrativas do grau de adesão a Portugal, aos seus valores e à elevada consideração dos nossos emigrantes, ali residentes. De destacar nesta festa as actuações musicais de um grupo grego e de um grupo alemão, para além da exibição do grupo folclórico do Centro Cultural Português.

MARTINS LOPES

# SARAU DE VARIEDADES

Organizado em colaboração com a R.T.P. e integrado no nosso ciclo de comemorações, realizou-se na noite do próprio dia 25 de Abril, no Grande Auditório da F.L.L., um sarau de variedades que foi transmitido em directo pela TV2 e pela R.T.P. Internacional.

Pretendeu-se, assim, promover a confraternização e a camaradagem de todas as regiões de língua portuguesa por forma a reafirmar a unidade espiritual existente entre elas e que o 25 de Abril ainda mais veio reforçar.

Apresentados por Ana Zanatti e Paulo de Carvalho, desfilaram pelo palco, sempre alvo de calorosas e entusiásticas ovações, os seguintes artistas e grupos:

- Coro Infantil do Grémio Literário, sob a direcção de Ilka Sá Leão e com acompanhamento ao piano de Gabriela Canavilhas.
- Ala dos Namorados.
- Tito Paris (Cabo Verde).
- Grupo Archê (Açores).
- Gilberto Gil Umbelina e seu Conjunto (S. Tomé e Príncipe).

- Duas bailarinas do Grupo da Comunidade Indú de Portugal.
- Grupo Issabary (Guiné).
- Grupo Xiluva-Xá Moçambique (Moçambique).
- Os Xarabanda (Madeira).
- Nill Luz (Brasil).
- Waldemar Bastos e os Espirituais do Grena (Angola).
- Grupo de Danças e Cantares Kda-Dalak (Timor).

Com coordenação geral do Sub-Director do gabinete de Projectos Especiais, Dr. João Grego Esteves, e Produção/Realização de José Paulo Valente, o sarau foi um notável espectáculo e constituiu um enorme êxito digno da data que se comemorava.

A Â25A não pode deixar de manifestar a sua profunda gratidão ao Dr. Grego Esteves e a José Paulo Valente pois sem o seu entusiasmo, o seu elevado espírito de colaboração e a sua extrema boa vontade não teria sido possível concretizar a nossa intenção de reunir num mesmo espectáculo representações de todas as regiões de língua portugue-

sa.

N.F.L.P.

## OS DIREITOS HUMANOS

Há milénios que o Homem luta Pelas Direitos Humanos Pois essa luta vem mesmo Desde o tempo dos Romanos

AO

**FERNANDO** 

Depois veio Jesus e disse Oue todos os Homens são iguais E disse também Que o Homem vale mais

> Mas durante muitos séculos O Homem não teve direitos Porque os sistemas políticos Eram muito imperfeitos

> > Mas a Homem lutou Mais a sua Companheira E finalmente venceu E ergueu uma bandeira.

> > > O Homem tem direito à Cultura

Tem direita à Liberdade

Tem direito à Paz

E à prosperidade

SALGUEIRO MAIA

Vieste do silêncio e libertaste o grito nos campos nas veredas nas ruas da cidade Vieste pela noite e libertaste o sonho e o sonho amanheceu

no sol da liberdade

libertaste a esp'rança num tempo que tardava a terra incendiou-se nos teus olhos rasgando as sombras de sabor amargo como quem bebe a luz da madrugada

Oue ficou do sonho? Que ficou da esp'rança? Canções ao vento fundos desenganos pássaros de mágoa morrendo no teu peito espasmos ilusões regresso dos tiranos a sufocar na raiva a tua voz

o tempo te levou no espaco permaneces eternamente vivo

aqui

dentro de nós!

Santarém, 11 Abril 1994 (Purificação)

## BOM DIA LIBERDADE

A cancão "E depois do adeus" gemeu... "Grândola" anunciou. As notícias saltaram o telefone soou de amigo em amigo. A amoústia morreu, a alegria nasceu. as amarras partiram, os muros de Peniche rasearam. o Tarrafal tremeu. as portas abriram-se, os homens encontraram-se e o povo cantou na praca. As espingardas descansaram. os soldados pararam, os corações amaram e os ditadores cairam O sal sarriu a esperança surgiu, Abril floriu, e os ventos gritaram:

Bom dia LIBERDADE!

ESTER MARTINS (escrito em 25 de Abril de 1974)

O Homem tem direito ao Emprego tem direito à Habitação Tem direito à Saúde E à Educação

> Em Portugal nós já temos Estes Direitos Humanos Mas apenas e só Nos últimos 20 anos.

> > LUIS MARTINS Aluno n.º 477 do 6.º A IMPE

COLABORE CONNOSCO LEIA E DIVULGUE O REFERENCIAL

PARTICIPE NA VIDA DA A25A

## JÚLIO POMAR

Nas páginas centrais da edição especial de "O REFERENCIAL", "25 de Abril 20 Anos", reproduzimos o belo "poster" que Júlio Pomar criou para o XX Aniversário. Por lapso, que lamentamos, o cartaz apareceu atribuído a Victor Pomar. A Júlio Pomar e aos nossos leitores, apresentamos as devidas desculpas.

#### ANICETO AFONSO / ANTÓNIO RAVARA

Na mesma Edição especial "25 de Abril 20 Anos", os textos das intervenções de Aniceto Afonso e António Ravara na sessão solene de abertura das comemorações, aparecem ilustrados com as respectivas fotografias mas que, por arreliante gralha, estão trocadas. Ao Aniceto Afonso, ao António Ravara e aos leitores, as desculpas de "O Referencial".

## ADQUIRA NA A25A:

## LIVROS

Capitão de Abril, de Salgueiro Maia

Descolonização de Angola, de Pezarat Correia

Questionar Abril, de Pezarat Correia

A Primeira Coluna de Anpainor, de António S. Viana

Balada de Uma Revolução, de Franco Carretas

Ultramar... Pequenas Histórias Por Contar, de José Valentim de Matos

Prata

96 Quadras em Jeito de Missão, de Sultão Bernardes

Sombras de Pessoas(s), de Sultão Bernardes

Seminário "10 Anos Depois", da A25A

#### DISCOS

Festa de Abril

XV Aniversário do 25 de Abril - 13 Canções Heróicas,

de Fernando Lopes Graca

Maria Guinot

## SERIGRAFIAS

Francisco Simões

Casquilho (Varinas, Pescadores e Mulheres da Bilha)

António Colaco

Acart

#### MEDALHAS DA A25A

Anos de 1982 - 83 - 84 - 85 - 86 - 88 - 89 - 90 - 92 - 93 - 94

## SALGADO ZENHA

Por ocasião da passagem do 1.º aniversário sobre o seu falecimento, um numeroso grupo de democratas e amigos prestou homenagem, junto à sua campa, ao democrata, lutador pela liberdade e cidadão exemplar, sempre coerente com os seus ideais, que foi Francisco Salgado Zenha.



## EDIÇÃO ESPECIAL DE "O REFERENCIAL"

Por gentileza da Lisgráfica e da Grafilís, foi publicado um número especial de "O Referencial".

Largamente divulgado, admite-se que muitos sócios já o conheçam. No entanto, dada a importância do seu conteúdo e porque se não fez a sua distribuição a todos os associados, estamos a distribuí-lo juntamente com o n.º 35 de "O Referencial". Esperamos chegar a tempo...

OBS: atenção às gralhas que o mesmo contém:

- O autor do cartaz é IÚLIO POMAR
- As fotos de Aniceto Afonso e António Ravara estão trocadas.

## ORDEM DA LIBERDADE

A atribuição das condecorações da Ordem da Liberdade, que devia constituir um momento alto neste ano do XX Aniversário, ficou assinalada por um episódio, que só não surpreende, porque se insere numa já longa lista em que os valores do 25 de Abril e os homens que por ele se bateram são constantemente marginalizados, enquanto se recuperam os símbolos e as figuras da ditadura. A recusa da ordem da Liberdade a Hermínio da Palma Inácio um dos mais corajosos, consequentes e sacrificados lutadores contra o fascismo, insere-se nessa lógica. Que militar, dada a sua formação, seja qual for o seu posicionamento ideológico, ou mesmo a ausência dele, pode, em coerência, argumentar que os fins não justificam os meios? Pior ainda quando se sabe que este argumento só é utilizado para pôr em causa os homens e os valores do 25 de Abril. Porque na luta contra o 25 de Abril e na defesa da ditadura colonial, parece que todos os meios eram justificáveis, mercecdores de condecorações e de pensões pecuniárias.

## CONDECORAÇÃO

A Câmara Municipal de Oeiras decidiu atribuir à Associação 25 de Abril a Medalha de Mérito Municipal (Ouro).

Na sessão solene, realizada em 07 de Junho, dia do Conselho de Oeiras, foi a mesma entregue à A25A, representada pelo seu Presidente da Direcção.

Recorde-se que a A25A possuía já as medalhas de Mérito Municipal de Cascais, Setúbal e Sines.

## MONUMENTO AO RESISTENTE ANTI-FASCISTA DO ALENTEJO

O Núcleo de Montemor-o-Novo da URAP necessita do nosso apoio para erguer este monumento.

Após um concurso, escolheram a proposta do escultor Hélder Batista. Querem inaugurá-lo em 25 de Abril de 1995.

Se quiser e puder contribuir, faça-o para:

URAP

Comissão Pró-monumento Prolongamento da Rua de Avis Apartado 54 7050 MONTEMOR-O-NOVO PARTICIPA

## BRIDGE

Integrado nas comemorações do 20,º aniversário do 25 de Abril, a A25A organiza um torneio do bridge, no dia 05 de Outubro, nas instalações do COSFA em Oeiras. Contamos com a tua participação.

# **CONVITES FEITOS À A25A**

- CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL Sessão solene comemorativa do 15.º aniversário da Caixa Económica e Montepio Geral

- A DIRECTORA DO INSTITUTO PORTUGUÊS DE MUSEUS /DIRECTORA DO MUSEU NACIONAL DO TRAGE a peça do mes "A camisa Regional Hungara" e "Fios da Memória" criação texteis de Fernando Matos

- PRESIDENTE DE ADMINISTRAÇÃO DA LISBOA 94 / DIRECTORA DO MUSEU NACIONAL DO TRAGE trages Miticos da Cultura Regional Portuguesa

7-4-94

- PRESIDENTE DA ADMINISTRAÇÃO LIS-BOA 94/MUSEU NACIONAL DO TEATRO Exposição " O grande teatro do Mundo ou

os clássicos em Lisboa 28-4-94

- CONSELHO ADMINISTRATIVO LISBOA 94/ADMINISTRAÇÃO DA ÁREA DE EXPOSIÇÕES DA LISBOA 94/ MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA Exposição" As tentações de Bosch ou o Eterno Retorno"

- PRESIDENTE DO CONSELHO
DE ADMINISTRAÇÃO DE LISBOA 94
Exposição "Querubim, obra cerâmica 1954-1994"
Exposição "Um século de arte do fogo 18901990" colecção de Pádua Ramos.
30-3-04

Exposição " A Cor da Revolução" 21-4-94

- CENTRO CULTURAL DE BELÉM/ FUNDAÇÃO ORIENTE

 Espectáculo de digressão Portugal-China de desportos Acrobáticos e Trampolins

21-5-94

- ASSOCIAÇÃO INTERVENÇÃO DEMOCRÁTICA Deboto "25 do Abril Paparquesãos

Debate "25 de Abril-Repercussões Internacionais" 26-5-94

 MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DE MULHERES-SETÚBAL Inauguração do Monumento de Homenagem a Maria Lamas

- EDICÕES MARGEM/AUTOR

ROGÉRIO GONÇALO Lançamento do livro "Tempestade de amor e alvorada" 8-4-94

- GRUPO DE TEATRO INTERVALO "Cabaret do Conde/Marquês" 8-4-94  - CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA Inauguração da exposição comemorativa do 20.º Aniversário do 25 de Abril

- INATEL/LISBOA 94 CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA / TEATRO DA CORNUCÓPIA O conto de Inverno de W. Shakespeare

14/15-4-94 - COMISSÃO ORGANIZADORA DO 5.º ENCONTRO NACIONAL

ENCONTRO NACIONAL
DA JUVENTUDE-TRÓIA
Sessao de encerramento

- CÂMARA MUNICIPAL BENAVENTE/ JUNTAS DE FREGUESIA E COLECTIVIDADES DO MUNICIPIO Colóquio sobre "O teatro antes e depois do 25 de Abrit"

17-4-94

18/19/20-4-94

28-4-94

- INSTITUTO DE HISTÓRIA CONTEM-PORÂNEA DE CIÈNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA/BIBLIOTECA MUSEU DA REPÚBLICA E RESISTÊNCIA Colóquio Internacional do 25 de Abril

-CLUBE DE SARGENTOS DA AERONÁUTICA Abertura da expoisção comemorativa do XX Aniversário 22.4-94

- PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO ENG.
ANTÓNIO DE ALMEIDA / DIRECTORES
DA REVISTA "NOVA RENASCENÇA"
Lançamento duplo 52/53 da revista "Nova
renascença" subordinado ao tema "O porto e o
25 de Abril-20 anos de democracia"

23.4.04

 - CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA Inauguração da exposição 25 de Abril- 20 anos
 24-4-94

- GALERIA QUADRADO AZUL Exposição de pintura de Álvaro Lapa

 - A VOZ DO OPERÁRIO Exposição/encenação do Fascismo à Liberdade

- SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA /DIRECTORA DO INSTITUTO PORTUGUÊS DE MUSEUS/DIRECTORA DO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA Reabertura do Museu Nacional de Arte Antiga

- CONSELHO PORTUGUÊS PARA A PAZ E COOPERAÇÃO /FRENTE POLISÁRIO EM PORTUGAL

21.º Aniversário da Frente Polisário
20-5-94

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA
 Inauguração do Monumento a Afonso Costa

21-5-94

- LISBOA 94/MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA Exposição Gabinete de Desenhos do Museu Nacional de Arte Antiga

18-5-94

- COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA Estreia da peça " O valente soldado Schveik" de Jaroslav Hasek 29/30-4-94

AS EDIÇÕES DINOSSAURO
 Apresentação do livro " O futuro era agora" O movimento popular do 25 de Abril.

- COMISSÃO PROMOTORA ROMAGEM FRANCISCO SALGADO ZENHA

FRANCISCO SALGADO ZENHA Cemitério Alto de S. João 2-5-94

- O ESPAÇO D'ARTE TLP Inauguração da exposição " O Voo a Mulher e o Mito " de Aida Sousa Dias 6-5-94

 ASSOCIAÇÃO ZECA AFONSO Exposição José Afonso, andarilho, poeta e cantor
 5-5-94

- CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA Jornadas de reflexao sobre Racismo e Xenofobia

24/25-4-94 Inauguração do Monumento ao Associativismo

29-5-94

- GALERIA ARTE CAPITEL.
Inaugurac,ao da exposição de Hipólito Andrade
23-4-94

Exposição do Mestre Carlos Alberto dos Santos

14-5-94

- FEDERAÇÃO PORTUGUESA DAS COLECTIVIDADES DE CULTURA E RECREIO

Sessão solene comemorativa do 70.º Aniversário 31-5-94

ASSOCIAÇÃO DE GINÁSTICA DE LISBOA
 III Edição da Gala de Ginástica de Lisboa

- CASA DO ALENTEJO

- CASA DO ALENTEJO Comemoração do 71.º Aniversário

25-6-94

 - CÂMARA MUNICIPAL DE SESEIMBRA Encerramento das Olimpíadas Populares

26-6-94

# PEDIDOS DE REPRESENTAÇÃO NAS COMEMORAÇÕES DO XX ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

- ASSEMBLEIA DE ARTES E TECNOLOGIA (Debate)
- ALTERNÂNCIA-ENSINO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL -
- MATOSINHOS (Debate)
- ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE FOLOUES (Sessão Siene)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ALCOCHETE (Sessão Solene)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA AMADORA (Sessão Solene)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE BAIÃO (Sessão Solene)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DO BARREIRO (Sessão Solene)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE FARO (Sessão Solene)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE GRÂNDOLA (Debate)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LISBOA (Sessão Solene)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PENICHE (Sessão Solene)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DO BARREIRO (Sessão Solene)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SEIA (Convívio)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SESIMBRA (Sessão Solene)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE GAIA -(Sessão Solene)
- ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA FACULDADE DE DIREITO DE LISBOA - (Debate)
- ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DA UNIVERSIDADE DO MINHO -
- GUIMARÃES (Debate) - ASSOCIAÇÃO DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS - (Colóquio)
- ASSOCIAÇÃO DEMOCRÁTICA DE TORONTO (Convívio)
- ASSOCIAÇÃO ESTUDANTES ESCOLA SECUNDÁRIA
- PEDRO NUNES (Debate)
- ASSOCIAÇÃO FRANCO-PORTUGAISES R'AQUITAINE (Colóquio) - ASSOCIAÇÃO MORADORES DE OLHOS D'ÁGUA - (Convívio)
- ASSOCIAÇÃO MORADORES ST.º ANT.º DOS CAVALEIROS -
- (Convívio) - ASSOCIAÇÃO PAIS ESCOLA SECUNDÁRIA DO FEJIÓ - (Sessão Com.)
- ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE AMESTERDÃO (Convívio)
- ASSOCIAÇÃO RECREATIVA DO CARVALHAL -GONDOMAR -(Convívio)
- ASSOCIAÇÃO TRABALHO SOCIAL E VOLUNTÁRIO DA LAVRA MATOSINHOS - (Convívio)
- ASSOCIAÇÃO UNITÁRIO DE REFORMADOS -
- CORROIOS (Colóquio)
- CÂMARA MUNICIPAL DO ALANDROAL (Debate)
- CÂMARA MUNICIPAL DE ALIJO (Colóquio)
- CÂMARA MUNICIPAL DE ALJUSTREL (Colóquio)
- CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA (Convívio)
- CÂMARA MUNICIPAL DE ALPIARCA (Colóquio)
- CÂMARA MUNICIPAL DE ARRAIOLOS (Sessão Solene)
- CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO (Debate/Exposição)
- CÂMARA MUNICIPAL DE BENAVENTE (Sessão Solene)
- CÂMARA MUNICIPAL DE CASTANHEIRA DE PERA (Debate)
- CÂMARA MUNICIPAL DE CASTELO DE VIDE -
- (Descerramento de Monumento a Salgueiro Maia)
- CÂMARA MUNICIPAL DE CASTRO VERDE (Debate)
- CÂMARA MUNICIPAL DO ENTRONCAMENTO -
- (Sessão Solene/ Debate)
- CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA (Convívio)
- CÂMARA MUNICIPAL DE FAFE (Sessão Slene)
- CÂMARA MUNICIPAL FIGUEIRA DA FOZ (Sessão Solene)
- CÂMARA MUNICIPAL DO GAVIÃO (Debate/Exposição)
- CÂMARA MUNICIPAL DE GONDOMAR (Sessão Solene)
- CÂMARA MUNICIPAL DE LOULÉ (Convívio)
- CÂMARA MUNICIPAL DA MARINHA GRANDE (Colóquio)
- CÂMARA MUNICIPAL DE MONCHIQUE (Debate)
- CÂMARA MUNICIPAL DE MONTEMOR-O-NOVO (Colóquio)
- CÂMARA MUNICIPAL DE MORA (Colóquio)
- CÂMARA MUNICIPAL DE OURÉM (Debate)
- CÂMARA MUNICIPAL DE PALMELA (Debate)
- CÂMARA MUNICIPAL DE PORTIMÃO (Sessão Solene)

- CÂMARA MUNICIPAL DO REDONDO (Colóquio)
- CÂMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA (Sessão Solene)
- CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL (Conferência)
- CÂMARA MUNICIPAL DE SINES (Debate)
- CÂMARA MUNICIPAL DE TORRES VEDRAS (Colóquio)
- CÂMARA MUNICIPAL DE VENDAS NOVAS (Colóquio)
- CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FAMALIÇÃO -(Sessão Solene)
- CASA DO BRASIL (Debate)
- CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS DE FRANKFURT (Convívio)
- CENTRO SOLIDARIEDADE SOCIAL PINHAL DE FRADES -SEIXAL - (Colóquio)
- C.G.T.P.-IN (Sessão Comemorativa/Exposição)
- CLUBE DE PRACAS DA ARMADA (Convívio)
- COLÉGIO DINIS DE MELO LEIRIA (Debate)
- COMISSÃO DAS COMEMORAÇÕES POPULARES EM SANTARÉM
- COMISSÃO DAS COMEMORAÇÕES POPULARES
- EM VIANA DO CASTELO (Convívio)
- COMISSÃO ORGANIZADORA DAS COMEMORAÇÕES
- NA GUARDA (Convívio)
- COMISSÃO ORGANIZADORA DAS COMEMORAÇÕES PÓVOA DE ST.º ADRIÃO - (Convívio)
- COMISSÃO PARA A INAUGURAÇÃO DE UM BUSTO DO
- ESCRITOR RESISTENTE ALFREDO REGUENGO
- EM MEADELA (Viana do castelo)
- COMISSÃO PROMOTORA DAS COMEMORAÇÕES EM ANGRA DO HEROÍSMO - (Convívio)
- COMISSÃO PROMOTORA DAS COMEMORAÇÕES
- EM GUIMARÃES (Convívio)
- COMISSÃO PROMOTORA DAS COMEMORAÇÕES EM
- PONTA DELGADA (Convívio) - COMISSÃO PROMOTORA DAS COMEMORAÇÕES NO FUNCHAL -
- (Convívio) - COMISSÃO PROMOTORA DAS COMEMORAÇÕES NA PAREDE -
- (Convívio) COMISSÃO PROMOTORA DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO
- PÚBLICA (Convívio) - COMISSÃO PROMOTORA DO 25 DE ABRIL ZONA ORIENTAL DE
- LISBOA (Convívio) - COMISSÃO SINDICAL TRABALHADORES, DA C. M. AMADORA -
- COMISSÃO TRABALHADORES DA C. G. D. (Convívio) - COMISSÃO TRABALHADORES DA SOLISNOR/SETENAVE -
- (Sessão Comemorativa) - COOPERATIVA DE ANIMAÇÃO CULTURAL ALHOS VEDROS -
- COOPERATIVA DE ENSINO-ANCORENSIS VILA PRAIA DE ÂNCORA - (Debate)
- ESCOLA 2.º E 3.º CICLOS DO FEIJÓ (Debate)
- ESCOLA BÁSICA ALCOUTIM (Debate/Exposição)
- ESCOLA BÁSICA NUNO GONÇALVES LISBOA (Debate)
- ESCOLA C+S DE ALCOCHETE (Debate)
- ESCOLA C+S DE MANTO DA OLA-VIANA DO CASTELO (Debate) - ESCOLA C+S PADRE ANT.º LUIS MOREIRA - CARVALHOS- (Debate)
- ESCOLA C+S PEDROGÃO GRANDE (Debate)
- ESCOLA C+S DR. RUI GRÁCIO MONTELAVAR (Debate)
- ESCOLA C+S S. PEDRO DA COVA GONDOMAR (Debate)
- ESCOLA CESÁRIO VERDE LISBOA (Debate)
- ESCOLA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DA UNIÃO DE SINDICATOS DE ÉVORA - (Debate)
- ESCOLA PRIMÁRIA N.º 8 ODIVELAS (Debate)
- ESCOLA PREPARATÓRIA BENTO DE JESUS CARACA PORTO -(Debate)

(Continuação da Pág. 26)

- ESCOLA PREPARTÓRIA DO CARTAXO - (Colóquio)

- ESCOLA PREPARATÓRIA DE CREIXOMIL - GUIMARÃES - (Sessão

- ESCOLA PREPARATÓRIA DE GUEIFÃES - MAIA - (Debate)

- ESCOLA PREPARATÓRIA JÚLIO BRANDÃO - VILA NOVA FAMALICÃO - (Debate)

- ESCOLA PREPARATÓRIA DO LUMIAR - (Debate)

- ESCOLA PREPARATÓRIA DE MASSAMÁ - (Exposição) - ESCOLA PREPARATÓRIA DE PAREDES - (Debate)

- ESCOLA PREPARATÓRIA QUINTA DE MARROCOS - (Exposição) - ESCOLA PREPARATÓRIA DE RIO TINTO - GONDOMAR - (Debate)

- ESCOLA PREPARATÓRIA D. SANCHO II - ALUÓ - (Debate) - ESCOLA PREPARATÓRIA ST.º ANT.º DOS CAVALEIROS - (Debate)

- ESCOLA PROFISSIONAL BENTO DE JAESUS CARACA -(Entrega de prémios)

- ESCOLA PROFISSIONAL BENTO JESUS CARAÇA - DELÂES-

- ESCOLA PROFISSIONAL DE SETÚBAL - (Debate)

- ESCOLA PROFISSIONAL DE GAIA - (Debate)

- ESCOLA PROFISSIONAL GUSTAVO EIFEL - AMADORA -(Colóquio)

- ESCOLA SECUNDÁRIA N.º 1 DE LOURES - (Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA ADOLFO PORTELA - ÁGUEDA - (Sessão

Comemorativa) - ESCOLA SECUNDÁRIA DE ALBUFEIRA - (Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA ALTO DO SEIXALINHO - BARREIRO -(Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA DR. MANUEL LARANJEIRA - ESPINHO -(Sessão Comemorativa)

- ESCOLA SECUNDÁRIA ALVES REDOL - V. F. DE XIRA - (Colóquio) - ESCOLA SECUNDÁRIA DE ÁLVIDE - CASCAIS - (Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA DA AMADORA - (Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA DA AMORA - (Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA ANSELMO DE ANDRADE - ALMADA -(Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA ANTÓNIO GEDEÃO - C. PIEDADE -(Debate)

ESCOLA SECUNDÁRIA ANTÓNIO ARROIOS - (Debate) - ESCOLA SECUNDÁRIA CALDAS DE VIZELA - (Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA D. DINIS - COIMBRA - (Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA D. PEDRO V - LISBOA - (Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA DO FEIJÓ - (Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA FRANCISCO RODRIGUES - LEIRIA -(Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA GIL VICENTE - (Debate) - ESCOLA SECUNDÁRIA DE GONDOMAR. - (Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA HENRIOUES NOGUEIRA - TORRES

VEDRAS - (Debate) - ESCOLA SECUNDÁRIA MARQUÉS DE POMBAL - LISBOA -

- ESCOLA SECUNDÁRIA MASSAMÁ - (Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA MIRAFLORES - ALGÉS - (Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA MADEIRA TORRES - TORRES VEDRAS -(Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA NUNO GONÇALVES - (Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA PAÇO D'ARCOS - (Debate)

-ESCOLA SECUNDÁRIA PADRE ALBERTO NETO - QUELUZ -

- ESCOLA SECUNDÁRIA PADRE ANTÓNIO VIEIRA - LISBOA -

(Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA PATRÍCIO PRAZERES - (Debate) ESCOLA SECUNDÁRIA PEDRO ALEXANDRINO PÓVOA ST.º

ADRIÃO - (Debate) - ESCOLA SECUNDÁRIA DE POMBAL - (Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA QUINTA DO MARQUÉS - OEIRAS - (Debate) - ESCOLA SECUNDÁRIA DE RIO DE MOURO - (Debate)

 ESCOLA SECUNDÁRIA RAÚL PROENÇA - CALDAS DA RAINHA -(Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - BRAGA - (Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA DE ST.º MARIA DA FEIRA - (Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA DE SAMPAIO - SESIMBRA - (Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA SEVERIM DE FARIA - ÉVORA - (Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA VIRGÍLIO FERREIRA - LISBOA - (Debate) - ESCOLA SECUNDÁRIA DE VILA DO CONDE - (Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA VITORINO NEMÉSIO - LISBOA - (Debate) - ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO PORTO - (Debate)

- ESCOLA TECNOLÓGICA ARTÍSTICA E PROFISSIONAL DE NISA -(Debate)

- FACULDADE DE LETRAS COIMBRA - (Debate)

- FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DA HOTELARIA E TURISMO DE PORTUGAL - (Colóquio)

- GRUPO DE DEMOCRATAS DE S. PEDRO DO SUL - (Colóquio)

- GRUPO SPORTIVO ADICENSE - (Convívio)

- INSTITUO ESPANHOL - ALGÉS - (Debate)

- INSTITUO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA - (Colóquio)

- INTER-REFORMADOS DE LISBOA - (Convívio)

- JUNTA DE FREGUESIA DE ALCÂNTARA - (Convívio) - JUNTA DE FREGUESIA DE ALHANDRA - (Convívio)

- JUNTA DE FREGUESIA DE ALMANSIL - (Convívio) - JUNTA DE FREGUESIA DA AMEIXOEIRA - (Convívio)

- JUNTA DE FREGUESIA DE AMIAIS DE BAIXO - SANTARÉM -(Colóquio)

- JUNTA DE FREGUESIA DOS ANJOS - (Sessão Solene) - JUNTA DE FREGUESIA DE ALVERCA - (Convívio)

- JUNTA DE FREGUESIA DE BAIXA DA BANHEIRA - (Convívio)

- JUNTA DE FREGUESIA DA BRANDOA - (Convívio)

- JUNTA DE FREGUESIA DE CARNAXIDE - (Sessão Solene)

- JUNTA DE FREGUESIA DA CHARNECA - (Sessão Solene) - JUNTA DE FREGUESIA DE CONSTÂNCIA - (Convívio)

- JUNTA DE FREGUESIA DE CUSTÓIAS - (Sessão Solene)

- JUNTA DE FREGUESIA DO FORTE DA CASA - (Convívio)

- JUNTA DE FREGUESIA DE GUEIFÃES -

(Sessão Solene/ Descerramento de Placa Toponímica a Salgueiro Maia) - JUNTA DE FREGUESIA DO LARANJEIRO - (Debate)

- JUNTA DE FREGUESIA DO LAVRADIO - (Sessão Solene)

- JUNTA DE FREGUESIA DO LUMIAR - (Sessão Solene) - JUNTA DE FREGUESIA DA MOITA - (Colóquio)

- JUNTA DE FREGUESIA DE MONTARGIL - (Convívio)

- JUNTA DE FREGUESIA DE PERAFITA - MATOSINHOS - (Convívio)

- JUNTA DE FREGUESIA DA PAREDE - CASCAIS - (Sessão Solene)

- JUNTA DE FREGUESIA DE PIAS - (Convívio) - JUNTA DE FREGUESIA DA PONTINHA - (Sessão Solene)

- JUNTA DE FREGUESIA DE S. LOURENÇO - AZEITÃO - (Debate)

- JUNTA DE FREGUESIA DE ST.º MARIA DE BELÉM - (Convívio) - JUNTA DE FREGUESIA DA TORNADA - CALDAS DA RAINHA -

(Convívio)

- JUNTA DE FREGUESIA DA TRAFARIA - (Debate)

- JUNTA DE FREGUESIA DA VENTEIRA - (Sessão Comemorativa)

- JUNTAS DE FREGUESIA DA ENCARNAÇÃO / MERCÊS E ST.º CATARINA - (Convívio)

- NÚCLEO DA A25A NO CANADÁ - (Debate)

- ORFEÃO DA FOZ DO DOURO - (Sessão Comemorativa)

- RÁDIO DIANA - ÉVORA - (Debate) - RÁDIO GILÃO - TAVIRA - (Debate)

- RÁDIO JOVEM DO ALENTEJO - ÉVORA - (Debate)

- SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO E ESCRITÓRIOS E SERVICOS DE LISBOA - (Convívio)

- SINDICATO DOS TRABALHADORES DO MUNICÍPIO DE LISBOA -(Convívio)

- SOCIEDADE ENTERPE ALHANDRENSE - (Debate)

- SOCIEDADE FILARMÓNICA UNIÃO ARTÍSTICA PIEDENSE -(Colóquio)

- SOCIEDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA - (Sessão Solene Evocativa a José Afonso)

- UNIVERSIDADE DE GOTENBURGO - SUÉCIA - (Debate)

# **SAUDACÕES** À A25A

Mais uma vez nos chegararn inúmeras saudações, de diversas origens. Com a apresentacão de desculpas aos que nos dirigiram mensagens individuais, referimos as entidades colectivas que se nos dirigiram:

Assembleias Municipais de Manteigas e de Sintra; Assembleias de Freguesia de Carnaxide, das Mercês, da Pontinha, da Reboleira, de Santo António da Charneca de São Simão, de São Vicente de Fora-

Câmaras Municipais de Freixo de Espada à Cinta e de Lisboa, Junta de Freguesia dos Mártires:

M.U.R.P.I.

## ASSOCIADOS FALECIDOS

- Germano Miquelina Cardoso Simões Sócio efectivo n.º 136 (Fundador)
- Diamantino de Oliveira Henriques Apoiante n.º 161
- Álvaro Carmo Vaz

Apoiante n.º 1960

- Álvaro Perdigão Sócio efectivo nº 2477

- Prof. Rui Carrington da Costa

Sócio efectivo n.º 2329

## OFERTAS FEITAS À A25A

## COMEMORAÇÕES DO XX ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

## · PLACAS

- · Democratas de Toronto
  - · Núcleo da A25A Cap. Salgueiro Maia em Toronto
  - · Grupo Sportivo Adicense/Junta de freguesia de São Miguel

## · MEDALHAS

- · Juntas de Freguesia do Laranjeiro e Feijó
- Junta de Freguesia da Póvoa de St.º Adrião
- A.G.D.S.
- · Comissao organizadora da Homenagem Nacional a Salgueiro Maia
- · Câmara Municipal de Felgueiras
- · SERIGRAFIA, de Jorge Pinheiro
- · TROFÉU, da Junta de Freguesia da Venteira
- FOTOGRAFIA emoldurada do Posto de Comando do MFA, no RE 1 Pontinha, oferta da Junta de Freguesia da Pontinha.
- · PRATO, da comissão das comemorações em Alcobaca

## LIVROS

- "TEMPESTADE DE AMOR E ALVORADA" de Rogério Gonçalves
- "PORTUGUESES NA ÁFRICA DO SUL" de João Gomes Cravinho
- · "VAMOS ESCREVER DESENHAR E PINTAR" do INLP de Angola, de Maria Candeias
- · "GERACÕES EM LUTA" de Dino Martins
- · "O CASO DA RUA JAU" de Mario Castrim, do pelouro da Educação da
- · "CAPITÃES DE ABRIL" de Salgueiro Maia, oferta da Editorial Notícias.
- · "O SENHOR COMENDADOR" de Cândido Ferreira
- "O 25 de Abril na Imprensa", oferta de Jaime Lopes Barbosa
- · Lisboa Capital do Coração, de José Jorge Letria e Inácio Ludgero, oferta do Círculo de Leitores
- · Os Segredos da Censura, de César Príncipe

### DOCUMENTOS

· Oferta do sócio Arq. Castro Rodrigues

#### DIVERSOS

- 10 discos "OBRIGADO OTELO", oferta de CEDRI
- GALHARDETES
  - \*Portuguese Canadian Democratic
    - · Sporting Clube de Portugal Ginástica
    - Grupo Desportivo e Cultural dos trabalhadores da Petrogal-Sines
- PLACA DO CLUBE DE PRACAS DA ARMADA
- TROFÉU DO LISBOA GINÁSIO CLUBE
- MEDALHA DA CÂMARA MUNICIPAL DE VENDAS NOVAS
- · PINTURA A ÓLEO DE GERVÁSIO DA SILVA
- · RÉPLICA DO MONUMENTO AO ASSOCIATIVISMO, oferta da C. M. Almada
- · RÉPLICA DO MONUMENTO AO 25 DE ABRIL, oferta da C. M. Pinhel

# AO GERMANO MIQUELINA SIMÕES Ao Homem - ao Militar - ao Capitão de Abril

Existem verdades difíceis de dizer e de aceitar. Uma delas é a de que há mortes que nos custam mais a aceitar do que outras. A morte do coronel de cavalaria Germano Miguelina Cardoso Simões é uma destas.

Como Fernando Salgueiro Maia, o Germano Simões foi um daqueles Capitães de Abril que constituiu sempre uma referência ética e moral para todos. para os que, como nós estivemos com ele nessa empolgante aventura da Liberdade. para os que não entenderam a justeza dessa luta, para os que tiveram coragem e se honraram por tê-lo a seu lado, para os que fraqueiaram, mas viram nele um exemplo de coerência. O Germano nunca quis honrarias e manteve-se sempre no seu posto de dignidade e honradez, serviu e nunca se serviu, correu os riscos das suas atitudes corajosas, sofreu por elas sem nada exigir senão o respeito de que nunca abdicou. Ao Germano não o comprayam, não o aliciayam e, acima de tudo. não o vergavam. Os amigos sabiam que assim era e os adversários também.

Esteve desde a primeira hora com o Movimento dos Capitães, ele que seria dos menos prejudicados pelos decretos que estiveram na sua génese - a questão era de princípio e o Germano era un homem de princípios. Pertenceu à primeira Comissão Coordenadora do Exército eleita, na reunião de Óbidos, juntamente com o Manuel Monge e o Salgueiro Maia em representação da Cavalaria, integrando o comité de ligação coordenado por Vasco Lourenço (empenhou-se na ligação aos oficiais, tanto os que se encontravam na Metrópole como os que estavam nos Metrópole como os que estavam na



Teatros de Operações de África). Acompanhou Otelo nas acções do 16 de Março, tentando limitar as consequências do fracasso e acompanhar as famílias dos oficiais envolvidos. Como Otelo refere na "Alvorada em Abrili": "A presença do Germano Miquelina Simões era a única coisa boa e reconfortante que nos incutia algum ánimo na madrugada fria."

Era isto - uma presença amiga e reconfortante - que o Germano sempre foi.

Se alguma palavra consegue definir um homem, a palavra que define o Germano é Honestidade, embora ele preferisse exigir Dignidade. Ele foi, acima de tudo, um homem honesto. Honesto consigo, exigindo de si e em todas as ocasiões o maior rigor, a doação completa das suas capacidades, honesto com os outros, a quem transmitia um insuperável exemplo de trabalho e de dedicação, por vezes a raiar o exagero do perfeccionismo, mas ele era assim, não seguia os atalhos para encurtar distâncias. Entendeu sempre que devia merecer através do seu esforço cada parcela do que era seu dever fazer, sem transigências, sem desculpas, sem horários.

Foi assim que, como militar ilustre, cumpriu comissões primeiro como subal-terno, na Guiné, depois como comandante da 8.º Companhia de Comandos, em Angola e, de novo como capitão, na Guiné, nos Comandos Africanos. Sempre nos lugares mais duros e difíceis, jamais procurando situações cómodas, sempre a tempo inteiro.

Deixou o seu exemplo e grangeou o respeito das gerações mais jovens como instrutor da Academia Militar, da Escola Prática de Cavalaria e do Centro de Instrução de Comandos, foi por diversas vezes eleito pelos seus pares para o Conselho da Arma de Cavalaria, onde defendeu a justiça e a legalidade, sem pactuar com a vimança e a mesquinhez.

Quando o Germano estava em qualquer comissão ou grupo, podíamos ficar certos que ali não se cometeriam indignidades. Ele era um garante - com os seus preciosos arquivos - dos princípios e sofreu por não ter pactuado com os que, em vários momentos, o tentaram fazer afastar-se do caminho a direito que era o secuminho a direito direito direito direito direito direito

Se há quem possa ter partido com a consciência tranquila, o Germano é um deles. Por isso custa tanto não o ter entre nós, porque não haverá muitos mais iguais a ele e nos deixa o pesado fardo de honrar a sua memória.

A Liberdade em Portugal deve-lhe uma boa quota-parte da sua existência e, se não vivessemos ums tempos de vale tudo, as novas gerações dever-lhe-iam o exemplo consistente de quem soube em todas as ocasiões manter a verticalidade sem bajulice, de erigir a amizade como uma torre de menagem, de exigir de si, antes de mandar os outros.

O Exército Português - a Cavalaria e os Comandos - deve-lhe o reconhecimento de ele ter sido um dos mais abnegados e exemplares membros, de ter sido, na nobre singeleza do termo: um verdadeiro soldado.

Os amigos devem-lhe o nunca terem conseguido retribuir-lhe a intensidade da sua amizade.

Onde quer que estejas, Germano, espero que te façam melhor justiça. Um abraço do

Carlos de Matos Gomes

#### NOTAS BIOGRÁFICAS

O coronel de Cavalaria Germano Miquelina Cardoso Simões nasceu a 25-08-1939, em Lamego. Frequentou o curso de Cavalaria da Academia Militar e possuía a especialidade de "Comando". Era casado com a Dr.a Marília Cardoso Simões e tinha três filhas. Possuía as seguintes condecoracões:

Medalha de Prata de Serviços Distintos. Medalhas de Mérito Militar de 2.º e 3.º

Medalha de Ouro e Prata de Comportamento Exemplar.

Distintivos Especiais da Ordem da Torre Espada do Valor Lealdade e Mérito e de Ouro do Valor Militar.

Cavaleiro da Ordem Militar de Avis. Medalhas Comemorativas das Campa-

nhas na Guiné e em Angola. Grã-Cruz da Ordem da Liberdade.

Pertenceu à Comissão Coordenadora do Movimento dos Capitães e do MFA, tendo papel destacado na preparação e no desenrolar do 25 de Abril tendo sido, após o 16 de Março, "deslocado" administrativamente para Elvas.

## NORTE

# O 20.º ANIVERSÁRIO DE ABRIL

## na Delegação Norte da A25A

## Debates de Abril

Debater com universitários os temas "Comunicação e Poder", "Democracia, um objectivo ético" e "Marx hoje, ou o fim das ideologias" foi um dos objectivos da Delegação do Norte da A25A nas comemorações dos 20 anos da Revolução de Abril.

Intelectuais, como Eduardo Lourenço, Boaventura Sousa Santos, Melo Antunes, Eduardo Chitas, Pezarat Correia, António Reis, Francisco Louçã, Cândido de Oliveira, José Rebelo, Rui Osório e Cáceres Monteiro, tomaram a palavra nessas sessões que se constituiram num espaço de reflexão sobre as esperanças de Abril na nossa democracia.

## Comunicação e Poder / Poder da Comunicação

O primeiro debate realizou-se no Instituto Superior ERASMUS, tendo como tema "COMUNICAÇÃO E PODER /PODER DA COMUNICAÇÃO". Foram palestrantes o prof. Eduardo Lourenço e os jornalistas José Rebelo, Cáceres Monteiro e Rui Osório. A moderação foi feita por Jorge Campos, jornalista e professor naquele Instituto.

Ressaltou das diferentes intervenções a ideia de que uma cultura videocrata, copiando programas já realizados noutros países, está a interiorizar modelos ficcionais, onde predomina o sexo, o jogo e a violência, que anestesiam as energias cívicas. Em nome dum pragmatismo fácil considerou-se que se esconde uma profunda crise de convicções que no plano político se reflecte em meros jogos de linguagem, onde as diferenças se diluem e os interesses particulares se sobrepôem às causas colectivas, sendo a berlusconização do poder um risco na falta duma cultura cívica.

#### Democracia, um objectivo ético

O segundo debate teve lugar na UNIVERSIDADE CATÓLICA, subordinando-se ao tema "DEMOCRACIA, UM OBJECTIVO ÉTICO". Foram palestrantes Pezarat Correia,



Boaventura Sousa Santos e Cândido de Oliveira. Moderou o debate Nuno Sá Correia da Associação dos Estudantes da Faculdade de Direito, daquela Universidade.

Para Boaventura Sousa Santos, a democracia é um imperativo social, ético e político, mas, em Portugal, é ainda de "baixa densidade." Sublinhou que levar a democracia a sério é substituir relações de autoridade por relacões de partilha no espaco doméstico. da produção, do público e, ainda, no espaço mundial. Apontou a corrupção como o elemento patológico de maior gravidade na democracia e, a propósito, lembrou que, em Portugal, há condições muito favoráveis ao desenvolvimento deste flagelo, devido à "tradicão de clientelismo". Pezarat Correia. falando sobre as relações entre a política e a moral, referiu que a autonomia da esfera política em relação à moral foi pela primeira vez defendida por Maguiavel. Referindo que não é a política que entra em conflito com a ética, mas o exercício do poder, lembrou que Kant defendia que "nem a política pode subtrair-se à jurisdição universal da ética, nem a ética pode prescindir da politica. No seu entender "a democracia está, hoje, longe de ter atingido o seu objectivo ético e as majorias absolutas tendem a identificar-se com os regimes absolutistas, embora respeitando a legitimidade do acesso ao poder". Cândido de Oliveira falou da necessidade de "uma constante pedagogia democrática". Considerou que é implícito à natureza da democracia a dignidade humana e, por isso, não é democrático a exclusão social, a falta de emprego, o trabalho infantil, a falta de habitação e de cuidados médicos. Terminou referindo-se

(Continuação da pág. 33)

à importância da alternância do poder, pois "quanto mais tempo um partido está no poder, maior são os riscos da corrupção atingir níveis incalculáveis".

## Marx hoje, ou o fim das ideologias

O último debate localizou-se na Faculdade de Economia e teve como tema: "MARX HOJE, OU O FIM DAS IDEOLOGIAS". Nele intervieram Melo Antunes, Eduardo Chitas, António Reis e Francisco Louçã, ficando a moderação a cargo de Augusto Santos Silva, professor daquela Faculdade.

António Reis sustentou que nem toda a crítica do capitalismo se esgota no marxismo, embora defenda que este constitui um sistema filosófico do qual importa retirar alguns aspectos. Considerou que "o marxismo é uma ideologia global que segrega uma visão totalitária do mundo". Entendeu que, "embora o marxismo tenha dado um contributo importante para um novo entendimento do homem e das suas relações dialécticas com a sociedade, com o mundo e com a história, neste momento não desperta entusiasmo ou repulsa, porque está a viver a sua morte". Francisco Louçã teve opinião contrária. Frisou que, se o capitalismo é problematizável, então o marxismo está vivo e actual. Defendeu um marxismo histórico, utónico e analista, cujos princípios são fundamentais para reconstruir a política económica. Eduardo Chitas centrou a sua intervenção na abordagem do conceito de "fim das ideologias", considerando que já Napoleão queria matar as ideologias por as considerar contrárias aos seus interesses. Defendeu que não há um "fim das ideologias", porque "a morte é a arma do pensamento" e, nesse sentido, o "fim das ideologias" é o princípio de outras. Melo Antunes, depois de fazer uma espécie de revi-

são da matéria dada acerca da reconstituição histórica do que foi o pensamento de Marx, considerou que o marxismo crítico continua a despertar actualidade e inquietações. Lembrou, a propósito, que se associarmos o marxismo ao totalitarismo, teremos de associar a desigualdade ao capitalismo. A concluir, chamou a atenção para o facto de a História não ter acabado com a derrocada do muro de Berlim, e, ainda, tal como Marx nos ensinou, de todos nós, hoje, "acreditarmos na soberania da consciência moral que condena a injustica no mundo, aspirarmos pela instauração da justica e termos vontade de transformar o mundo", o que, no fundo, releva duma superioridade moral que torna vivo o marxismo.

Embora os "Debates de Abril" não tivessem atingido totalmente o objectivo de galvanizar os jovens universitários para as suas temáticas, pode-se dizer que muitos compareceram nos debates ao lado dos que de perto viveram o 25 de Abril de 74. Estranho foi o facto de se registar pouca afluência dos associados, o que não é estimulante para quem se empenha nestas iniciativas.

## A Guerra Colonial na Literatura e na Arte

A Delegação Norte da A25A não reduziu as suas iniciativas aos "Debates de Abril". Além de inúmeras sessões em Escolas e Instituições Populares, apoiou com documentação algumas exposições e esteve presente num "FORUM" sobre "ABRIL NOS PRÓXIMOS 20 ANOS", patrocinado pela APRIL. Em colaboração com a Associação dos Deficientes das Forças Armadas e o Clube de Sargentos, realizou, ainda, uma expo-

sição, seguida de colóquio, sobre "A GUERRA-COLONIAL NA LITERA-TURA E NA ARTE". Neste debate intervieram os escritores Cor. Matos Gomes, Pires Laranjeira, José Manuel Mendes, João Paulo Guerra e Leonel Cosme, sendo moderador Jaime Ferreri, da ADFA. Tanto a exposição como o debate foram um êxito.

Seguindo a tradição de Lisboa, realizou-se, pela primeira vez no Porto, um JANTAR DE CONFRATERNI-ZAÇÃO DE ABRIL, aberto ao público, no dia 22 de Abril, no HOTEL TUELA, actuando, durante o mesmo, grupos musicais com canções de intervenção e toadas coimbrãs. Estiveram neste convívio cerca de 100 pessoas e, pelo entusiamo que a todos percorreu, ficou a certeza de se repetir esta iniciativa nos próximos anos.

## **CENTRO**

A delegação de Coimbra da A25A comparticipou na organização das comemorações populares, em colaboração com a Câmara Municipal de Coimbra e a Comissão Popular das Comemorações do 25 de Abril.

De destacar nessas comemorações, o hastear da Bandeira Nacional, a sessão solene da Assembleia Municipal, actividades desportivas diversas, o convívio no Parque da cidade, o almoço nas Cantinas da Universidade.

De realçar também o apoio que várias Juntas de Freguesia e diversas Associações prestaram às comemorações.

Não organizando outros actos comemorativos, a Delegação de Coimbra procurou responder às várias solicitações recebidas, nomeadamente através da presença em debates organizados por escolas da região.

## **VAMOS APRENDER BRIDGE! (24)**

Continuemos as nossas reflexões sobre as vozes de Intervenção, que, como sabemos, são vozes de risco e que, para que não conduzam a situações catastróficas. deverão obedecer a princípios básicos que se não poderão ignorar, sob pena das mais severas punições, decorrentes dessa imprevidência.

#### 4 - O "CUE-BID" DIRECTO

O termo "CUE-BID" é um estrangeirismo genericamente utilizado pelos iogadores portugueses (e não só!), à falta da adopção dum vocábulo luso que identifique um anúncio dum naipe que fora, imediato ou anteriormente, proferido por um jogador ou jogadores da linha adversária.

a	N 1 *	E 2 ♠	S	W	
b	N 1 🔻	E Passo	S Passo	W 2 <b>*</b>	
С	N 1 •	E Passo	S 1 V	W 2 •	

Eis alguns exemplos de leilões em que foi utilizada a técnica do "CUE-BID". ainda que com significados diferentes nos casos a e b relativamente ao leilão consubstanciado em c

Nos exemplos apresentados em a e b es tamos perante situações em que foi utilizado o "CUE-BID" DIRECTO, isto é em que a nossa linha interveio declarando, ao nível imediatamente superior, o naipe que constituira a abertura do jogador da linha adversária, sem que nenhum outro iogador tivesse proferido alguma voz ou outra além de "Passo"

Como verificamos o caso c não se enquadra na tipologia atrás referida, pelo que se não trata seguramente de um "CUE-BID" DIRECTO, mas tão somente de um "CUE-BID", com um significado totalmente diferente do que é reconhecido àquele.

Mas se têm significados diferentes, ainda não precisados, o que significam?

- Limitar-nos-emos hoje a caracterizar o "CUE-BID" DIRECTO, deixando para outra ocasião a análise de diferentes situações em que a voz do "CUE-BID" também pode ser utilizada.

A intervenção com utilização do "CUE-BID" DIRECTO transmite ao parceiro do que o proferiu, que o seu anunciante possui uma mão com uma forca semelhante à da abertura em 2 🍨, isto é, que detém em seu poder um jogo de 23 H ou mais.

É pois uma voz forcante à partida (game forcing), pelo que o parceiro não poderá passar antes da mesma ser atingida, independentemente da confrangedora fraqueza que a sua "mão" apresente.

Sobre a abertura de 1 . merecem a intervenção em 2 ▲ ("CUE-BID" DIRE-CTO) mãos como as seguintes:

### 5 - A INTERVENÇÃO, COM SALTO. EM 2ST

Este tipo de intervenção define mãos com forca indeterminada mas que se caracterizam por materializarem bicolores em naipes de tipo "contrário" ao do da abertura.

Ouando dizemos mãos com "bicolores contrários" pretendemos caracterizar jogos em que se a abertura houver sido feita em 1 & ou em 1 (naipes pobres) a mão do jogador que intervejo em 2 ST deverá possuir, no mínimo, 5 cartas de V e 5 cartas de 4 (naipes ricos): se a abertura tiver sido em 1 y ou em 14. então o anunciante de 2 ST deverá possuir 5, ou mais, cartas em 🍁 e 5, ou mais, cartas

Com o jogo de:

♠ DV1083 ♥ RD942 • R5 . 3

e após a abertura de 1 • (ou de 1 •) poderá e deverá intervir em 2 ST, indicando ao seu parceiro que detém 10 cartas (5 + 5 e não 6 + 4 em V e em A e, no mínimo, 5 vazas de jogo, caso um desses naipes venha a ser adoptado como trunfo.

Este "código" para indicar jogos bicolores, é a voz universalmente aceite para intervir em partida livre, constituindo a mais elementar forma de definir mãos bicolores.

Existem, no entanto, inúmeras convencões que permitem anunciar bicolores. identificando a sua constituição em quaisquer naipes (bicolores romanos, dinamarqueses. Michaels cue-bids, etc. etc) mas a indicação dos "bicolores contrários" (ricos/pobres) com a intervenção em 2 ST

com salto, é a, como já disse, a mais elementar e a mais generalizada.

Não esquecamos que o conceito de "vazas de jogo" é um elemento indispensável para a avaliação das mãos que se nos deparem com hipóteses de merecerem uma intervenção.

Caso não apresentem uma consistência de 5 vazas de jogo, não estando vulneráveis, ou de 7 vazas de jogo no caso de vulnerabilidade contrária, as mãos não iustificam uma intervenção, por não obedecerem aos requisitos mínimos da segurança, visto obrigarem o parceiro a falar ao nível 3. mesmo com uma mão completamente branca.

Para avaliar as mãos contabilizando as "vazas de jogo", deverá contar:

- 1/2 vaza de jogo pela 4.º carta do naine
- 1 vaza de jogo por cada carta a partir da 5,º carta do naipe
- 1 vaza de jogo por cada Ás
- 2 vazas de jogo pela combinação AR ou RDV
- 1 1/2 vazas de jogo pela combinação RDx ou AD
- 1/2 vaza de jogo pela combinação Rx

Eis um exemplo da avaliação duma

▲ R10853 ♥ RD9642 V . A

Mão que contabilizando dará:

mão bicolor em "vazas de jogo":

Podemos concluir que, com esta mão, por valer 7 "vazas de jogo" é perfeitamente justificável uma intervenção em 2 ST após uma abertura adversária em 1 & ou 1 . mesmo estando vulneráveis, decisão que só deverá ser tomada após uma cuidadosa avaliação da mão, não esquecendo nunca que as intervenções são vozes de alto risco e que este cresce exponencialmente com a vulnerabilidade e com o nível a que for proferida a voz.

> Um abraco amigo do Luis Galvão

(continuação da pág. 1)

que os jovens não estão despertos para os valores do 25 de Abril. Muito pelo contrário. Os jovens, que hoje fruem, sem limites, a liberdade, os direitos de reunião, de manifestação, de associação, de contestação, sabem que esses direitos foram conquistados em 25 de Abril, pela tenacidade, pela coragem, pelo inconformismo, de uma outra geração de jovens, que foi a de seus pais.

O que os jovens não concebem, é uma sociedade em que esses valores estejam ausentes. O que a juventude não tem capacidade para compreender, é a situação que se vivia antes do 25 de Abril.

A geração que lutou pelo 25 de Abril e o conquistou, não pode exigir que a juventude eleja, como valores fundamentais, aqueles que já encontrou adquiridos, que se emocione com conquistas que não foram as suas. Juan Clemente Zamora, no seu clássico "O Processo Histórico", escreveu que "..." inovar é o direito da juventude (...)" e por isso todas as gerações lutam por conquistas que se impõem à sua época, e não por aquelas que animaram a geração que a precedeu.

O que à nossa geração, a que foi jovem nos anos sessenta, compete, é ser lucidamente capaz de apoiar a juventude actual na luta pela conquista dos justos direitos que a devem mobilizar, e se inscrevem no que os sociólogos chamam os "direitos da terceira geração". Direitos que têm a ver com o ambiente, com a igualdade de direitos dos sexos, com o acesso ao emprego, com a habitacão, com a solidariedade internacional, com a paz. E ter a inteligência para atrair a sua atenção para uma verdade elementar, mas tantas vezes esquecida. de que a luta meritória pela conquista de um novo quadro de valores, só é possível porque já encontraram, adquiridas e consolidadas, a liberdade e os direitos cívicos a partir dos quais podem desenvolver a sua accão reinvindicativa, a sua afirmação juvenil. Assim não fosse, e era por estes que ainda tinham que lutar.

As comemorações do XX Aniversário e a forma como os jovens nelas participaram, mostram que a juventude compreende o significado do 25 de Abril e como os seus valores constituem a base indispensável que lhe permite perspectivar novos avanços.

Saiba a nova geração ser digna dos valores que herdou, não permitindo que de novo se percam exigindo a sua reconquista e, portanto, o desvio do esforço orientado para os novos valores que à actual geração se impõem.

Mas saiba também a nossa geração ser digna dos valores porque se bateu aceitando que no progresso da humanidade, nenhuma conquista é o termo da iornada e, pelo contrário, apenas abre um espaço a partir do qual se perfilam novos horizontes. Juan Clemente Zamora acrescentou à frase acima transcrita, que "(...) preservar é o privilégio da velhice." E concluía que "Só a síntese destas duas tendências torna possível o progresso". Porque, acrescentamos nós, interpretando Zamora, a velhice preserva o que inovou enquanto foi jovem, e o que os jovens inovam deverão preservar na velhice.

PEDRO PEZARAT CORREIA

